EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

AGROANALYSIS

AGROA... S

# AGROANALYSIS

VOLUME 12 NÚMERO 7 JULHO DE 1988

IMPRESSO

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA
CENTRO DE ESTUDOS AGRÍCOLAS

# AGROANALYSIS

**Editor:** Sylvio Wanick Ribeiro **(Chefe do Cea/Ibre/FGV)**

**Núcleo editorial:** Boris Gheventer, Fernando Roberto de Freitas Almeida e Maria José Cyhlar Monteiro.

**Núcleo central de pesquisadores:** Boris Gheventer **(preços no nível do produtor)**, fone: 233-6443; v a g o **(pecuária e cacau)**, fone: 233-6443; Eliana Conde Barroso Leite Viglio **(arroz e feijão)**, fone: 233-6338; Fernando Roberto de Freitas Almeida **(oleaginosas, trigo e uva)**, fone: 233-6338; v a g o **(café e amendoim)**, fone: 253-2066; v a g o **(algodão, outras fibras vegetais e laranja)**, fone: 233-6338; Irene Raguenet Troccoli **(milho, aves e suínos)**, fone: 253-1263; Janet Fajardo Zaidhaft **(batata, cebola e mamona)**, fone: 253-1263; Maria José Cyhlar Monteiro **(política agrícola)**, fone: 233-6195; e Martha Macedo de Lima Barata **(aveia, centeio, cevada e sorgo)**, fone: 253-1263.

**Estatística (preços no nível do produtor):** Adib Jamil Amin **(preços de terras, salários e serviços)**, fone: 233-6338; Lúcio Junqueira Campos **(preços recebidos)**, fone: 233-6195; Mário Sachs Rabello **(índices e relações de trocas)**, fone: 233-8588; e Oraide Terezinha Novaes **(preços de insumos)**, fone: 253-2066.

**Documentação:** Glória Maria Teixeira Grego **(bibliotecária)** e Maria Célia Ávila Bezerra.

**Técnico de editoração:** João Daniel de Castro Filho.

**Serviços de secretaria:** Vilma Tavares de Lima Oliveira **(secretária)**, fone: 233-6040; Lúcia Maria Santos de Paula e Rosa Cristina da Silva Leite.

**Estagiários:** Alexandre Manoel Cabral Rodrigues Junior, Brena Paula Magno Fernandes, Lenice Ypiranga Benevides de Araújo e Marcos Arzua Barbosa.

**Microcomputador:** Bruno da Silva Junior.

**Composição:** Iolanda Aparecida da Silva e Neli Martins Mascarenhas.

**Arte, incluindo capa, gráficos, ilustrações e diagramação:** Pedro Marcílio da Silva Leite.

**Impressão:** Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda. (PABX 224-7732 – 231-3213).

É permitida a reprodução total ou parcial do **Agroanalysis**, desde que seja citada a fonte.

| | |
|---|---|
| **Agroanalysis**, v.1– ,n.1– 1977– | |
| mensal | CDU 631(05) |

Rua da Candelária, 6
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.091 – Centro – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

Solicita-se aos leitores que, na eventual comunicação de mudança de endereço, remetam a etiqueta do último **Agroanalysis** recebido.

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

# NOTA DA EDIÇÃO

*Tem-se disponível, desde há muito, estatística mensal e anual da produção de cerca de trinta e duas principais lavouras. A variação física total das safras é calculada através de índices agregados, bastante conhecidos e de aceitação universal. É, por isso, no mínimo estranho, que se continue repetindo a bobagem de somar as quantidades produzidas de alguns vegetais, denominar essa soma de safra de* ***grãos*** *e conferir-lhe o significado de produção global, nestes últimos anos sob a manchete de* ***supersafras****. Em valor, os* ***grãos*** *eleitos representam cerca de metade do valor de todas as culturas. A cana-de-açúcar, por exemplo, cuja produção deu saltos em pequeno intervalo de tempo e hoje alcança cerca de 270 milhões de toneladas (mais de 4 vezes a atual soma de* ***grãos****), não pode e não é, evidentemente, classificada como* ***grão****, embora seja da família das* ***gramíneas****, do mesmo modo como o trigo, cevada, centeio, arroz ou milho.*

***Agroanalysis****, já se ocupou do assunto várias vezes, concluindo, sempre, que falta razão para se prosseguir insistindo em totalizar variegados produtos vegetais, chamá-los genericamente de* ***grãos*** *e identificá-los com a produção agrícola. Os* ***grãos verdadeiros*** *são somente os cultivados visando o seu conteúdo de amido, são os* ***cereais*** *ou* ***cariopse****, frutos das plantas (monocotiledôneas) da família das* ***gramíneas*** *(trigo, cevada, centeio, arroz e milho, dentre outras). As sementes oleaginosas (soja, algodão, girassol, linhaça, tungue, mamona, além de outras), muitas das quais* ***leguminosas de grãos****, dicotiledôneas, diferem bastante daqueles* ***grãos verdadeiros****, são cultivadas por serem fonte de proteína e igualmente diferem de outras leguminosas (ervilha, feijão comum, etc).*

*Destaca-se, nesta edição, dentre outros assuntos, importante estudo, muito bem fundamentado, acerca das* ***supersafras de grãos****, liquidando, de vez, com a pretensão de por aí medir-se o desempenho da agricultura brasileira e seus ganhos. Leia-o com atenção. Leia, também, a oportuna matéria sobre subsídios ao álcool, nestes tempos bicudos. Aliás, o bom mesmo é ler todo o* ***Agroanalysis****. Você vai gostar.*

# SUMÁRIO

**PRODUTOS ANIMAIS**
- **Avicultura** . . . . . 2

**PRODUTOS VEGETAIS**
- **Uva** . . . . . 5

**ENSAIOS ESPECIAIS**
- **Safra de grãos** . . . . . 9
- **Ciranda dos subsídios** . . . . . 18

**ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL DA AGROPECUÁRIA**
- **Batata-inglesa** . . . . . 20
- **Suinocultura** . . . . . 21

**PRECEITOS DE POLÍTICA AGRÍCOLA** . . . . . 22

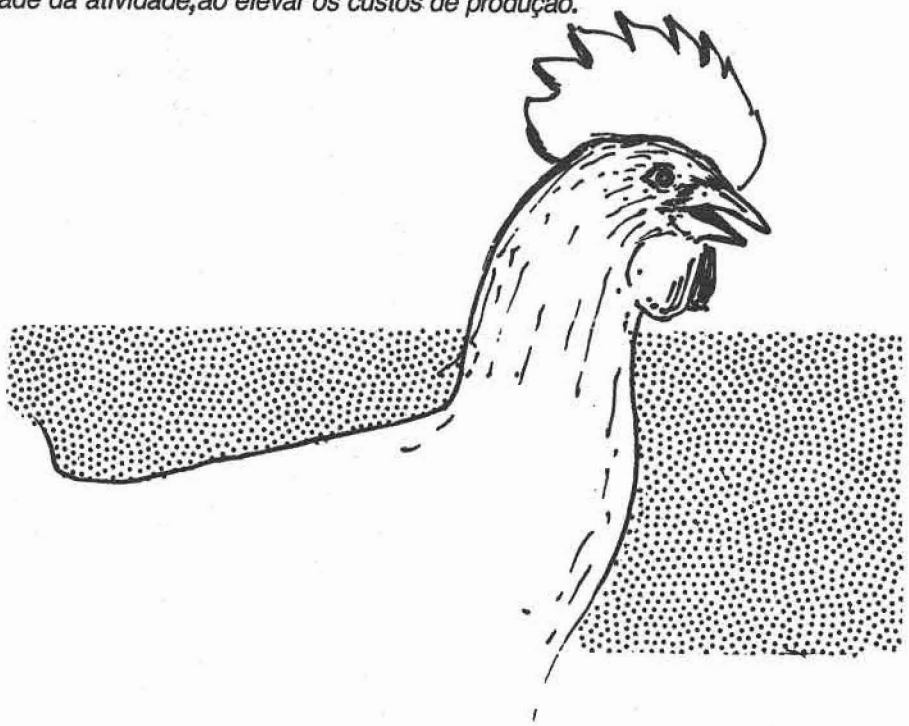
**PREÇOS RECEBIDOS E RELAÇÃO DE TROCAS** . . . . . 25

**PANORAMA AGROPECUÁRIO – PREÇOS**
- **Mercado Externo** . . . . . 26
- **Mercado Interno** . . . . . 28
- **Relativos** . . . . . 30

**COMPORTAMENTO DAS LAVOURAS** . . . . . 32

# AVICULTURA

*Aumento na relação salário mínimo/carne bovina incentiva o consumo de aves, entretanto, a deterioração dos salários coloca um freio à recuperação dos preços da carne avícola. A seca registrada nos* ***EUA*** *poderá ter reflexos negativos na rentabilidade da atividade, ao elevar os custos de produção.*



O atual processo de perda do poder de compra dos salários e as recentes alterações na produção avícola estão promovendo mudanças nas preferências dos consumidores de carnes.

Primordialmente, o tabelamento do frango inteiro, decretado em 1986, popularizou o comércio de partes de aves, fato de grande importância para o alargamento do mercado. A seguir, a elevada oferta de milho da safra 1986/87 e a acentuada expansão dos criatórios, também naquele ano, completariam o quadro de favorecimento ao consumo de carne avícola.

No segundo semestre de 1987, a média dos preços no varejo da carne bovina na cidade de São Paulo foi 21% inferior à da primeira metade do ano. No caso do frango, a desvalorização média alcançou nada menos do que 39% (ver Gráfico 01). Em dezembro, especificamente, o preço real da ave foi 65%, 47%, 25% e 37% menor do que em iguais meses de 1986, 1985, 1984 e 1983, respectivamente.

É interessante notar que, embora o mercado de carnes tenha sido muito competitivo nos primeiros meses do corrente ano a produção avícola conseguiu acompanhá-lo. Entre janeiro e maio, a produção de pintos de corte cresceu quase 3% em relação ao mesmo período do ano anterior, representando mais 2% de disponibilidade de carne de frango no primeiro semestre e praticamente mais 3%, até julho. Se estes números foram resultado da contração de quase 30% sobre o potencial de produção do segmento de pintos, chegou a haver avanço em relação ao período de expansão representado pela mesma fase em 1987. Este fato aparentemente contraditório se explica pela retração de 16%, em termos acumulados, observada no custo real do frango vivo, no primeiro quadrimestre do ano, enquanto o preço real regrediu 12%, de acordo com dados da **Associação Paulista de Avicultura.**

A verdadeira "competição" entre os vendedores no mercado de carnes foi benéfica para os consumidores. A relação salário mínimo/carne bovina na cidade de São Paulo, entre janeiro e maio, foi de 24 kg, ou seja, 20% mais alta do que os 20 kg registrados em idêntico período do ano anterior. Já no caso da carne de frango, a mesma relação ficou praticamente inalterada em 37 kg.

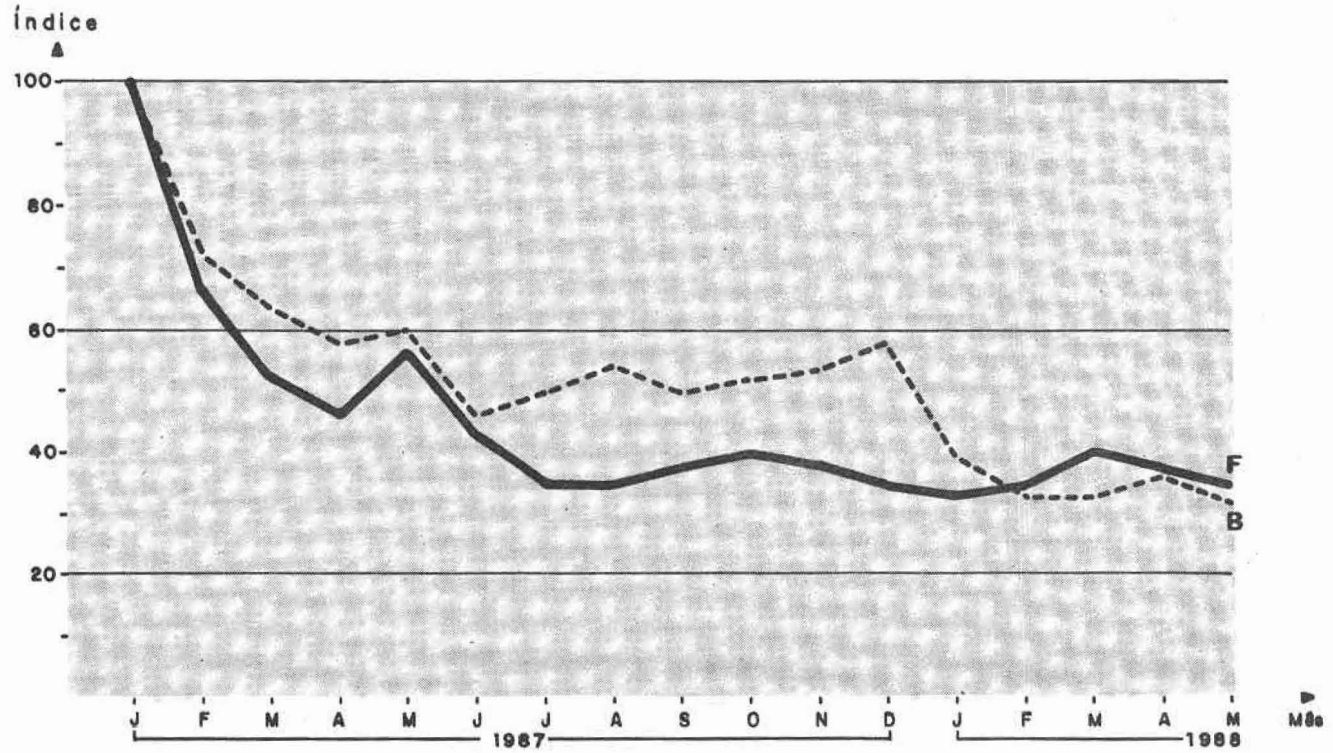
Assim, ao se iniciar mais uma entressafra de carne bovina, o mercado brasileiro de carnes encontrava-se em situação diferente da tradicionalmente apresentada, devido à acentuada perda do poder de compra dos salários, à elevada oferta e aos baixos preços da carne de aves. Por isso, a elevação do preço da carne vermelha no varejo, no mês de junho, foi prontamente repudiada pelos consumidores. A substituição da carne bovina pela carne de aves já se dá de forma bem mais automática, em especial tendo-se em vista a atual fartura desta última no mercado.

A curto prazo, porém, não se pode dizer que a previsão de lucratividade para os avicultores seja alvissareira. Afinal, não poderão aumentar seus preços ilimitadamente, por conta da presente popularidade do produto. O efeito de contenção representado pela erosão salarial, tão sentido pelos

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

**CIDADE DE SÃO PAULO – ÍNDICE[1] DE PREÇO[2] NO VAREJO DE FRANGO LIMPO (F) E CARNE BOVINA (B) – JANEIRO DE 1987 A MAIO DE 1988**

**GRÁFICO 01**




**FONTE – IEA/SP, Conjuntura Econômica.**

[1] **Janeiro de 1987 = 100;**

[2] **Corrigido pelo** IGP-DI, **para janeiro de 1987.**

pecuaristas, obviamente também terá reflexos nas vendas de carne avícola, com uma circunstância agravante: em geral, o consumidor é ainda mais refratário a eventuais aumentos do preço do frango, o qual possui a fama de ser uma "carne mais barata".

Além do mais, os custos de produção das aves aumentarão acentuadamente nos próximos meses. Na verdade, com a política de atualização dos preços do milho novo acima da inflação e as novas regras de comercialização, as cotações do cereal já assumiram patamares incompatíveis com a situação expressa pelo balanço de oferta e demanda elaborado pela **Companhia de Financiamento da Produção.**

A estiagem nas áreas produtoras de milho e de soja dos **EUA** solidificou, por sua vez, a tendência de aumento do custo de produção avícola, pois esses grãos participam, respectivamente, com 60% e 20% nas fórmulas comerciais das rações. No caso da soja, sua valorização real, em junho, frente à cotação do mês anterior, foi de 28% na **Bolsa de Cereais de São Paulo.**

Por conta destes fatores, em junho, os avicultores passaram a forçar seus preços para cima, mesmo porque a produção de carne de frango naquele mês foi 2% inferior à do mês anterior. No mercado de São Paulo, o preço real médio da ave viva ainda foi 5% inferior ao de maio, mas a cotação média de Cz$ 97,00/kg na segunda quinzena ficou 50% além da registrada na primeira metade do mês.

A **Associação dos Produtores de Pintos de Corte** estimou que a produção de carne de frango será de 169 mil t, em julho, isto é, 8,5% maior do que um ano antes e 4% superior à de junho. Este crescimento certamente atenuará a tendência de alta que tradicionalmente ocorre com os preços da ave, por ocasião da entressafra bovina. Desta forma, pode-se prever que, no decorrer daquele mês, ressurjam as manifestações quanto à necessidade de a produção mensal de pintos de corte não ultrapassar o intervalo entre 90 e 100 milhões de cabeças, considerado o necessário para o aumento da lucratividade dos criadores.

Por outro lado, a referida **Associação** estimou o potencial médio de

produção mensal de pintos de corte no terceiro trimestre do ano em 158,6 milhões de cabeças. Tal quantidade é 30% maior do que a produção média do mesmo período do ano passado e representa, praticamente, o mesmo potencial mensal médio do primeiro semestre do ano. Em outras palavras, caso os criadores não pretendam ultrapassar a produção de 100 milhões de cabeças/mês, a ociosidade chegará ao nível recorde de 37%, em termos médios, para o trimestre de julho a setembro.

Todavia, é difícil obter tal nível de contração, que teria que ocorrer em época de tradicional diminuição da ociosidade, face ao aumento do consumo de carne de aves, devido à entressafra bovina. Resta saber, portanto, até que ponto pesará o virtual **estrangulamento** da lucratividae, em função do aumento sazonal dos preços dos insumos durante o segundo semestre, que poderá ser mais acentuado com a concretização das perdas estimadas na safra norte-americana.

Vale notar, entretanto, que, em função da alta dos custos da produção avícola nos **EUA** e dos reflexos do aumento das cotações do milho e da soja ali produzidos sobre os preços internacionais desses grãos, as exportações brasileiras de frango congelado poderão beneficiar-se. O previsível aumento do preço internacional desta carne viria em muito boa hora pois, nos primeiros cinco meses do ano, as 81,3 mil t exportadas pelo **Brasil** (6% a menos do que um ano antes) alcançaram um preço médio (US$ 891 t-**Fob**) 15% menor do que no mesmo período de 1987.

É bem de ver que a disputa pelos mercados compradores desta **commodity** continua bastante acirrada, devido à agressiva atuação dos **EUA**, através dos subsídios do **Export Enhancement Program.** As 341 mil t de carne avícola que este país exportou no ano passado representaram 33% a mais do que no exercício anterior, tendo sido especialmente incrementadas as vendas aos mercados da **Espanha** e do **Iraque** (ver Quadro 01). O sucesso das exportações para o **Iraque** abriu caminho a expansão do produto norte-americano em outros países do **Golfo (Kuwait, Catar, Barein,** e **Emirados Árabes Unidos)**, desde o início do presente ano.

Em contrapartida, a **CEE** elevou seus subsídios, com o objetivo de recuperar as vendas francesas que, em 1987, praticamente igualaram as 345 mil t de 1986. Entre junho e setembro do ano passado, o subsídio à carne de frango exportada pela **CEE** para o **Egito, Iraque** e **Ilhas Canárias** aumentou 27%, situando-se em cerca de 47 **ECU**/100 kg[1]. Em janeiro último, para fazer face à ação norte-americana, a **CEE** estendeu os subsídios à venda de carne avícola à **Arábia Saudita, Kuwait, Catar, Barein** e **Emirados Árabes Unidos,** estabelecidos à base de 57 **ECU**/100 kg em março último. Em relação ao preço médio registrado pelas exportações francesas, no primeiro trimestre do ano, para estes países, o incentivo foi da ordem aproximada de 90%.

**QUADRO 01 – EUA – EXPORTAÇÕES DE CARNE DE FRANGO (TOTAL E PARA PAÍSES SELECIONADOS) – 1986, 1987 E VARIAÇÃO PERCENTUAL**
**(Em t)**

| DESTINAÇÃO | 1986 | 1987 | % |
|---|---|---|---|
| Alemanha Ocidental[1] | 3.513 | 1.089 | – 69,0 |
| Holanda[1] | 871 | 762 | – 12,6 |
| Espanha | 1.628 | 5.088 | +212,5 |
| Japão[1] | 75.817 | 77.656 | + 2,4 |
| Iraque | 0 | 58.479 | – |
| Hong Kong[1] | 35.203 | 54.484 | + 54,8 |
| Egito | 25.023 | 25.334 | + 1,2 |
| Cingapura | 24.280 | 23.738 | – 2,2 |
| Canadá[1] | 14.385 | 20.911 | + 45,4 |
| Jamaica[1] | 25.189 | 18.900 | – 25,0 |
| México[1] | 13.263 | 12.534 | – 5,5 |
| Total mundial | 256.808 | 340.905 | + 32,7 |

**FONTE – Centre Français de Commerce Extérieur.**
**[1] Não contam com os subsídios do EEP.**



1 **ECU** = US$ 1,40, média de janeiro a março.

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

# UVA

*As perspectivas da produção de vinho em áreas irrigadas de Pernambuco são promissoras. A comercialização da uva vinífera, apesar da boa qualidade da colheita, tem sido prejudicada pela recessão.*

As indefinições que têm caracterizado a economia brasileira nos últimos anos provocam instabilidade nas mais diversas atividades. Este ano, a vitivinicultura, por exemplo, está enfrentando problemas derivados da fase recessiva da economia, que vêm sendo magnificados pelas peculiaridades da atividade.

Com efeito, a atual safra passou por dois momentos diferentes, no que se refere a seu desempenho no campo e teve comercialização atribulada. Os parreirais gaúchos chegaram a estar muito mal, com as fortes chuvas de janeiro. A uva não conseguia amadurecer, apodrecendo rapidamente, e o produto colhido primeiramente apresentava gradação glucométrica muito baixa.

A partir do fim de janeiro e durante o mês de fevereiro, o clima seco recuperou a qualidade da safra (em meados do mês, o grau glucométrico médio passou de 9º para 13º **brix** em Flores da Cunha, segundo fontes locais) e, no cômputo geral, obteve-se produção abundante (ver Quadro 02) e de boa qualidade. As variedades vinífera tardias, como as **Cabernet Franc** e **Sauvignon**, tintas, deverão propiciar a obtenção de melhores vinhos.

Já em março, a média da gradação glucométrica passou de 15º **brix** para o intervalo de 17º a 20º **brix**. Esta melhoria teve como resultado compras das indústrias maiores do que o esperado. As cooperativas e as vinícolas, segundo estimativa da **Companhia de Financiamento da Produção**, de meados de junho, adquiriram 200 milhões de quilos e, o governo, em torno de 60 milhões.

Os grandes problemas da safra, porém, encontram-se na comercialização. O preço mínimo inicialmente cogitado, de Cz$ 9,20/kg, foi afinal fixado em Cz$ 9,70/kg, provocando profunda divergência entre os produtores rurais (queriam Cz$ 11,00/kg) e as indústrias (de início, desejavam pagar apenas Cz$ 7,00/kg).

As negociações visando à definição do preço mínimo foram excessivamente morosas, o que acarretou sucessivas manifestações de desa-



**QUADRO 02 – UVA – PRODUÇÃO DAS SAFRAS 1986/87 E 1987/88**

| UNIDADE DA FEDERAÇÃO | ÁREA (ha) | | PRODUÇÃO (t) | | RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha) | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1986/87 | 1987/88 | 1986/87 | 1987/88 | 1986/87 | 1987/88 |
| Rio Grande do Sul | 39.852 | 39.839 | 351.380 | 541.766 | 8.817 | 13.599 |
| São Paulo | 9.084 | 9.568 | 107.234 | 96.614 | 11.805 | 10.098 |
| Santa Catarina | 5.820 | 5.286 | 60.000 | 74.547 | 10.309 | 14.103 |
| Paraná | 2.225 | 2.430 | 24.600 | 28.565 | 11.056 | 11.755 |
| Pernambuco | 825 | 900 | 11.180 | 12.600 | 13.552 | 14.000 |
| Outras | 1.270 | 1.094 | 3.020 | 6.311 | 2.378 | 5.769 |
| Total | 59.076 | 59.117 | 557.414 | 760.403 | 9.436 | 12.863 |

FONTE – IBGE.

grado dos agricultores. Em razão da rápida perecibilidade da fruta, muitos viticultores perderam parte da primeira colheita e se viram obrigados a vender por preços baixos. Não podiam preservar a integridade da uva por mais de dez dias e o mês de janeiro transcorreu sem a divulgação do preço mínimo.

Na ocasião, a CFP ainda pensava em adquirir de 100 a 150 milhões de kg de uva e procurava, sem sucesso, locais para armazená-la. Segundo fontes da área, em fins de fevereiro, havia espaço garantido para apenas 50 milhões de kg.

Assim, diante da pressão das indústrias e sem poder estocar a fruta, houve vendas a Cz$ 7,00/kg e os agricultores da Serra Gaúcha procuravam vender parte às vinícolas e parte ao governo. Um ano antes, em conjuntura bastante diferente, anterior à forte queda do consumo dos vinhos, no país, as empresas vinícolas pagavam de Cz$ 4,00 a Cz$ 5,00/kg de uva da variedade **Isabel**, sem medir o **brix**, considerando simplesmente que teria atingido bem mais do que a média (ver **Agroanalysis**, volume 12, nº 2, fevereiro de 1988). Nas castas consideradas **nobres**, considerava-se a obtenção de 20º **brix**. Este ano, frutas com 13º **brix** receberam Cz$ 7,00/kg.

As compras do governo foram bem menores do que o imaginado a princípio, totalizando 60 milhões de quilos, abaixo dos 64 milhões de kg comprados em 1982.

A CFP já está fazendo a destilação dos vinhos que comprou de vinícolas com instalações precárias. Transforma de nove a dez litros de vinho em um litro de álcool vínico, o que deverá reduzir a tancagem. Deverá processar bastante da bebida, pois não se antevê recuperação próxima para o mercado. Há possibilidade de se tornar obrigatório o emprego do álcool vínico, em 1989, para a correção dos vinhos, ao invés da mera adição de açúcar.

O impasse com as indústrias permaneceu durante todo o semestre (a colheita do Rio Grande do Sul começou em janeiro) pois a fruta comprada no início do ano só seria paga em junho. Aliás, as vinícolas, temerosas da forte retração do consumo do vinho (36% menor em 1987) este ano, resolveram estabelecer uma **tabela paralela**, sem a correção monetária aplicada aos preços.

Embora mesmo na área governamental houvesse a opinião de que o preço mínimo era elevado para a atual situação do mercado, a ausência de correção acarretava dificuldades para os produtores. A chegada do mês de junho era aguardada com ansiedade, pois se reuniriam as partes envolvidas nas negociações, novamente, para tentar solucionar o problema do preço.

**Produção de uva de mesa**

A produção gaúcha é bastante associada às indústrias vinícolas. As variedades vinífera são a matéria-prima das indústrias e, conseqüentemente, têm seus preços mais **controlados**. Evidentemente, há benefícios na associação agroindustrial, além da reserva de mercado, pois as vinícolas dão assistência técnica e alguns insumos aos viticultores. Aliás, é tradição que o produtor de uva comum seja ligado às cooperativas e o das variedades vinífera às indústrias.

Há algum interesse da parte do agricultor em diversificar seus parreirais, plantando também para o consumo **in natura**. Afinal, a uva de mesa é mais rentável (ver Gráfico 02) pois é comercializada por preços mais altos e à vista. Contudo, trata-se de um mercado difícil, que exigiria estudos para que o viticultor **escapasse** da época da entrada da safra, quando a fruta, freqüentemente, atinge preços irrisórios. Assim, para os produtores gaúchos, é difícil incrementar a produção de uva de mesa. Nas regiões mais próximas dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e, mesmo, Distrito Federal, é mais fácil. Cabe registrar que, de fato, o plantio da uva tem-se expandido nas unidades da Federação cuja produção ainda não permite sua individualização no acompanhamento sistemático da produção agrícola, feito pelo **IBGE**, que as engloba na discriminação **outras**. Desde alguns anos, têm-se destacado pelo crescimento da viticultura (embora partindo de plantio modesto) os estados da Bahia e do Rio de Janeiro, conforme registrado na **Produção Agrícola Municipal**, do **IBGE** (ver Quadro 03).

O maior incremento no cultivo da videira tem-se verificado em Pernambuco que, em dez anos, multiplicou por seis sua área plantada e, este ano, começou a colocar seu vinho no mercado. Segundo o **Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho**, da **Embrapa**, o fato de as lavouras irrigadas pernambucanas terem tido êxito no fornecimento de uvas de mesa retardou o início da produção de vinho na região, atividade que também parece destinada ao sucesso, nos próximos anos.

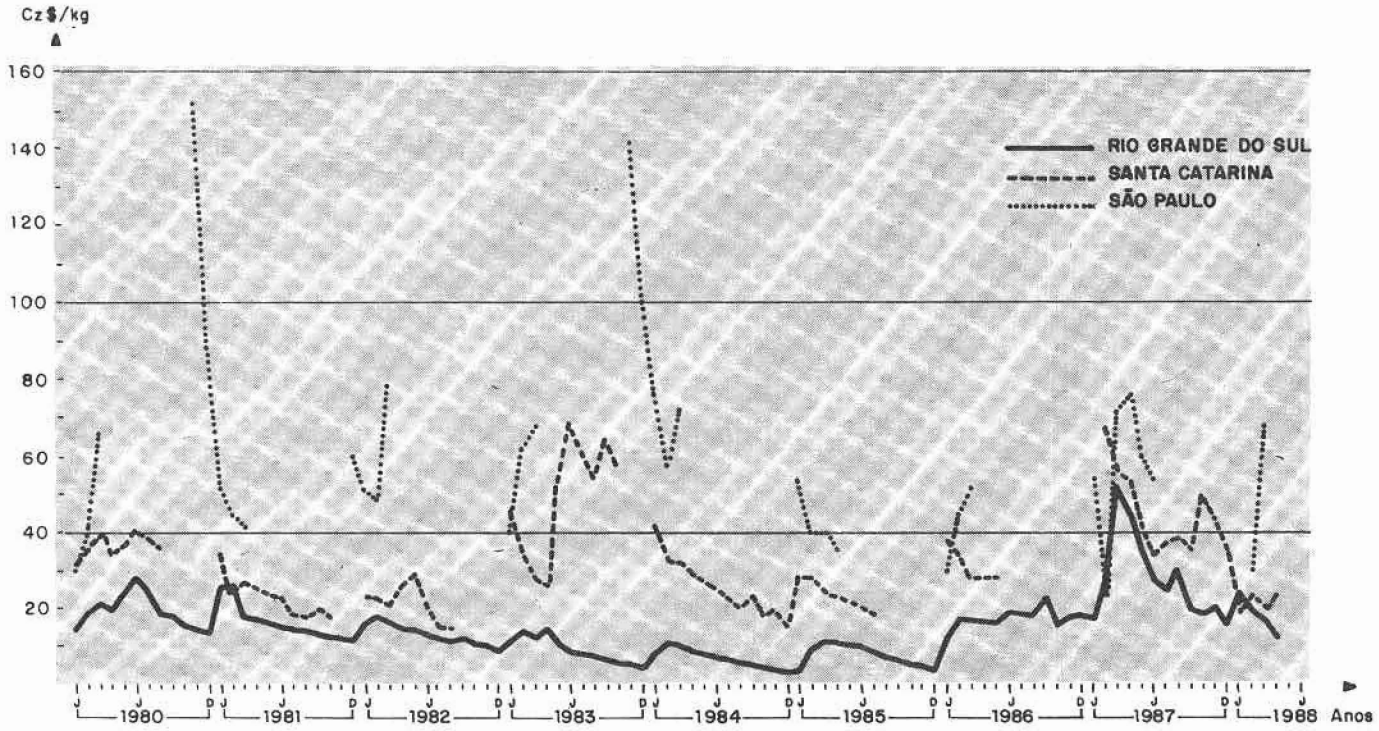
Para a colheita de meio de ano, segundo a agência do **IBGE** de Petrolina, estarão disponíveis 125 ha naquele município e 450 ha em Santa Maria da Boa Vista, município em que se iniciou a produção vinícola.

Em São Paulo, segundo maior produtor brasileiro de uva, quase totalmente destinada ao consumo de mesa, a situação da safra também foi boa. Na região de Jundiaí, há cerca de 25 milhões de pés de uvas **Niagara**[1] que produziram, na safra colhida em janeiro, 10 milhões de caixas de 7 kg da fruta. Embora os preços recebidos pelos produtores tenham oscilado bastante, desde então, a **Casa da Agricultura** da região acredita que, em média, devem ter sido os

1 Garcia Braga, Fortunato, A Cultura da Uva Niagara Rosada, Livraria Nobel, 1988.

**UVA – PREÇOS RECEBIDOS[1] PELOS PRODUTORES NO RIO GRANDE DO SUL, SÃO PAULO E SANTA CATARINA – 1980-88**
**(Cz$/kg)**

**GRÁFICO 02**




**FONTE – FGV/Ibre/Cea.**

[1] **Corrigidos pelo IGP-DI, para abril de 1988.**

**QUADRO 03 – UVA – PRODUÇÃO NO BRASIL – 1976-86**
**(Em t)**

| UNIDADE DA FEDERAÇÃO | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Ceará | 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 9 | 8 | 8 | 9 | 9 | 9 |
| Rio Grande do Norte | – | 1 | 2 | 2 | 2 | – | – | – | – | – | – |
| Paraíba | 150 | 150 | 150 | 150 | 150 | 150 | 150 | 181 | 214 | 212 | 212 |
| Pernambuco | 1.593 | 1.971 | 1.796 | 1.976 | 4.367 | 4.590 | 6.440 | 6.492 | 8.636 | 7.723 | 10.996 |
| Bahia | 250 | 244 | 143 | 150 | 160 | 160 | 179 | 199 | 222 | 822 | 1.322 |
| Minas Gerais | 7.100 | 8.035 | 6.709 | 6.824 | 7.391 | 2.391 | 2.609 | 4.305 | 887 | 2.084 | 2.728 |
| Espírito Santo | 482 | 518 | 447 | 462 | 465 | 482 | 470 | 448 | 440 | 450 | 446 |
| Rio de Janeiro | 66 | 66 | 54 | 44 | 40 | 29 | 265 | 254 | 246 | 213 | 213 |
| São Paulo | 146.540 | 131.400 | 133.000 | 149.306 | 149.000 | 146.360 | 149.040 | 141.460 | 110.066 | 101.268 | 96.895 |
| Paraná | 15.967 | 15.396 | 15.652 | 17.183 | 19.184 | 17.636 | 19.258 | 19.551 | 19.675 | 21.529 | 21.927 |
| Santa Catarina | 53.859 | 59.896 | 57.328 | 65.104 | 44.428 | 75.757 | 80.565 | 57.087 | 72.532 | 75.546 | 64.972 |
| Rio Grande do Sul | 402.000 | 442.000 | 451.300 | 462.600 | 220.761 | 415.585 | 429.944 | 347.495 | 390.245 | 502.326 | 395.125 |

**FONTE – IBGE.**

melhores dos últimos dez anos. Cabe destacar que as perdas provocadas pela precipitação de granizo em outubro passado não tiveram grande influência na produção. Com efeito, foram muito localizadas e, embora as áreas afetadas tenham tido as plantações dizimadas, o desfalque no total colhido foi mínimo.

Os parreirais paulistas beneficiaram-se do clima do início do ano, diferentemente do ocorrido com os gaúchos. Este ano, praticamente não choveu no pico da safra (janeiro) ao contrário do que houve em 1987, o que facilitou sobremaneira a colheita e a comercialização, em razão da melhor qualidade do produto.

**Situação atual do mercado**

A confusa situação do mercado gaúcho parece ter sido solucionada, apenas a partir da última reunião dos produtores com a indústria, na tarde de 30 de junho. Finalmente, segundo o **Sindicato dos Trabalhadores Rurais** de Bento Gonçalves, depois de inúmeras manifestações de protesto dos viticultores e de pressão das vinícolas sobre o governo (preocupadas com os rumos do mercado do vinho, alegavam não possuir capital de giro sequer para pagar a tabela paralela) para o estabelecimento de um redutor nos EGF contratados, as indústrias concordaram em pagar o preço da tabela com a correção monetária mensal.

O redutor do EGF seria uma concessão dificilmente obtida, dados os problemas agudos do orçamento da União, profundamente pressionado por outras exigências (também no caso do Rio Grande do Sul, há reivindicações de subsídios para o arroz, por exemplo).

O mercado do vinho, porém, permanece em crise, suscitando iniciativas promocionais e o lançamento de novos produtos, em que se destacam os vários tipos de **coolers** (já produzidos no Rio Grande do Sul e São Paulo) e vinhos filtrados em garrafa pequena (de produção mineira).

Há que destacar a ansiedade quanto à possível importação da bebida da Argentina e à redução da alíquota do **Imposto de Importação** justamente em período de grandes indefinições no mercado interno.

A alternativa do mercado externo ainda é incipiente e enfrenta entraves de difícil superação, no curto prazo (ver box).

Breve começarão a ser divulgadas informações quanto à poda dos parreirais e à repercussão do inverno frio sobre os vinhedos. Um novo ciclo produtivo definir-se-á, em grande parte, sem que se tenham dissipado todas as dúvidas que afligem os agentes econômicos envolvidos na atividade.

*"Com um desempenho excepcional em termos nacionais em 1986, quando atingiram US$ 3,1 milhões, as uvas produzidas no Brasil já estão sendo consumidas no Canadá, Países Baixos, Inglaterra e Estados Unidos, graças sobretudo à qualidade que, nas variedades Itália e Rubi, é considerada excelente e adequada aos padrões internacionais.*

*O problema maior, além dos aspectos de conservação, tem sido a falta do produto, uma vez que o ciclo de produção da uva não permite um rápido ajuste à demanda. Mas há soluções ou remédios a caminho: videiras no Vale do São Francisco estão dando até duas safras e meia por ano, com rendimento de 40 toneladas de uvas finas por hectare.*

*São possibilidades a serem exploradas com rapidez porque o Brasil ainda está longe dos limites do mercado: as 700 mil caixas exportadas em 1986 parecem irrisórias se comparadas com as 50 milhões de caixas vendidas pelo Chile e as 6 milhões despachadas pela África do Sul no mesmo ano".*

*EXIGÊNCIA DOS IMPORTADORES*

- *bagas grandes*
- *racimos de até 1 kg*
- *ausência de bagas manchadas*
- *racimos cônicos e com bagas de tamanho uniforme*
- ***brix** adequado e baixa acidez*
- *nos **EUA**, atendimento do tratamento fitossanitário exigido pelas autoridades locais (**cold treatment**)*

*MELHORES VARIEDADES*

- *boa aceitação para **Itália** verde e **Rubi***
- *alto interesse por uva sem semente, principalmente nos **EUA** e **Canadá***

*PRINCIPAIS PROBLEMAS*

- *desgranação*
- *resíduo de cobre nas bagas (calda bordaleza)*

*EXPORTAÇÕES DE UVA*

| 1986 | | 1987 | |
|---|---|---|---|
| kg | US$ | kg | US$ |
| 2.928.103 | 3.151.999 | 1.247.134 | 1.320.633 |

*(in Revista Cacex, ano 23, nº 1.074, maio de 1988)*

# SAFRA DE GRÃOS

*"A decantada safra de **grãos** não vale o tempo e a tinta que têm sido gastos em seu louvor"*

Transformou-se em hábito, no **Brasil**, medir o desempenho da safra agrícola pela produção de **grãos**. Para tanto, somam-se toneladas de milho, arroz, feijão, soja, trigo e mais alguns produtos e atribui-se ao total assim obtido a capacidade de resolver, ou não, os problemas de abastecimento do consumidor urbano e de renda do produtor rural. Sobre este número, constroem-se prestígios políticos, formulam-se previsões econômicas e tomam-se decisões de governo.

No entanto, qual o real significado desses números? O que informa, de concreto, um resultado obtido de uma soma heterogênea, a partir de unidades de bases diferentes? Qual a sua importância para mensurar o sucesso ou o fracasso de uma safra agrícola? O que nos diz sobre as perspectivas de bem-estar, a curto prazo, dos consumidores e produtores?

Este assunto, pela importância que lhe é atribuída, merece ser examinado com maior rigor.

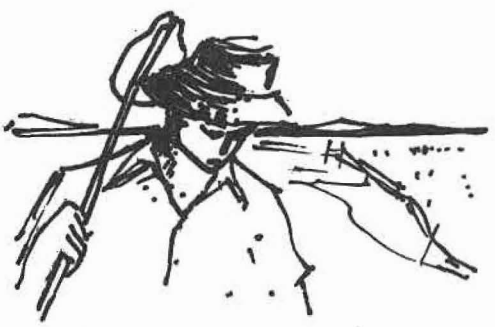
## Avaliação da *Safra de Grãos*

Para tanto, pode-se começar pela relação dos principais produtos que, normalmente, integram o que se convencionou chamar de **grãos**. São eles o arroz, o feijão, o milho, a soja e o trigo, aos quais poder-se-ia adicionar o amendoim, a mamona, o sorgo, a aveia, o centeio, a cevada e até o caroço de algodão. Excetuando-se estes últimos, por sua menor expressão, fica-se com os primeiros cinco produtos, que representam cerca de 95% da safra de **grãos**: o arroz, o feijão e o trigo como alimentos básicos para o mercado interno; a soja, como produtora de óleo e de divisas e, também, na forma de farelo, juntamente com o milho, como alimento para consumo animal.

Este conjunto de produtos é primeiramente avaliado sob três critérios: produção física em peso, valor a **preços constantes** e valor da produção a preços médios anuais corrigidos. Os resultados obtidos dessa avaliação, considerando-se o período 1976-1987 (doze anos), são apresentados no Quadro 04.

Verifica-se, de imediato, que as duas primeiras estimativas apresentam resultados bastante semelhantes. Seja em toneladas, seja em valor a **preços constantes**, ambas representam, na realidade, uma avaliação da quantidade física das safras. A diferença é que, no segundo caso, a unidade de medida é padronizada, em cruzados (a preços médios reais de 1976-1987), elevando a ponderação dos produtos de maior preço, como o feijão, e reduzindo os de pequeno valor específico, como o milho.

Evidentemente, a avaliação física ponderada por **preços constantes** representa a dimensão da safra mais corretamente do que a produção em toneladas, do ponto de vista do consumidor, já que os preços relativos atuam como indicadores da importância atribuída pela demanda aos diferentes produtos, refletindo melhor o proveito que o consumidor brasileiro pode derivar de uma safra de **grãos** favorável.



Por sua vez, a produção, medida pelos preços corrigidos do ano em que foi obtida, é uma estimativa de renda bruta do Setor e se adapta à visão que interessa efetivamente à classe produtora, pois reflete o desempenho econômico do Setor. Tal enfoque corresponde aos dados apresentados nas duas últimas colunas do Quadro 04. Nota-se que, em geral, os valores dos seis primeiros anos (1976-1981) são maiores, e os dos últimos seis anos (1982-1987) menores do que os valores medidos a **preços constantes**; isto significa que os preços da segunda metade do período estiveram abaixo da média dos doze anos considerados. É especialmente digna de nota a renda agrícola obtida em 1987, a segunda mais baixa de todo o período.

**QUADRO 04 – BRASIL – AVALIAÇÃO DA SAFRA DE *GRÃOS* POR TRÊS MÉTODOS: PRODUÇÃO EM PESO, PRODUÇÃO A PREÇOS CONSTANTES E VALOR DA PRODUÇÃO A PREÇOS MÉDIOS ANUAIS CORRIGIDOS (1976-87)**

| ANO | PRODUÇÃO EM PESO | | PRODUÇÃO A PREÇOS CONSTANTES(1) | | VALOR DA PRODUÇÃO(2) | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | mil t | Índice | Cz$ milhão | Índice | Cz$ milhão | Índice |
| 1976 | 43.791 | 100,0 | 939.725 | 100,0 | 971.829 | 100,0 |
| 1977 | 45.119 | 103,0 | 965.847 | 102,8 | 1.127.768 | 116,0 |
| 1978 | 35.291 | 80,6 | 794.426 | 84,5 | 810.178 | 83,4 |
| 1979 | 39.254 | 89,6 | 858.815 | 91,9 | 912.808 | 93,9 |
| 1980 | 49.974 | 114,1 | 1.060.325 | 112,8 | 1.144.738 | 117,8 |
| 1981 | 48.903 | 111,7 | 1.037.543 | 110,4 | 1.114.621 | 114,7 |
| 1982 | 49.143 | 112,2 | 1.055.950 | 112,4 | 974.707 | 100,3 |
| 1983 | 44.873 | 102,5 | 938.162 | 99,8 | 888.182 | 91,4 |
| 1984 | 50.341 | 115,0 | 1.082.109 | 115,2 | 1.150.050 | 118,3 |
| 1985 | 56.191 | 128,3 | 1.221.551 | 130,0 | 1.225.434 | 126,1 |
| 1986 | 52.138 | 119,1 | 1.135.490 | 120,8 | 1.099.702 | 113,2 |
| 1987 | 61.931 | 141,4 | 1.291.461 | 137,4 | 848.539 | 87,3 |

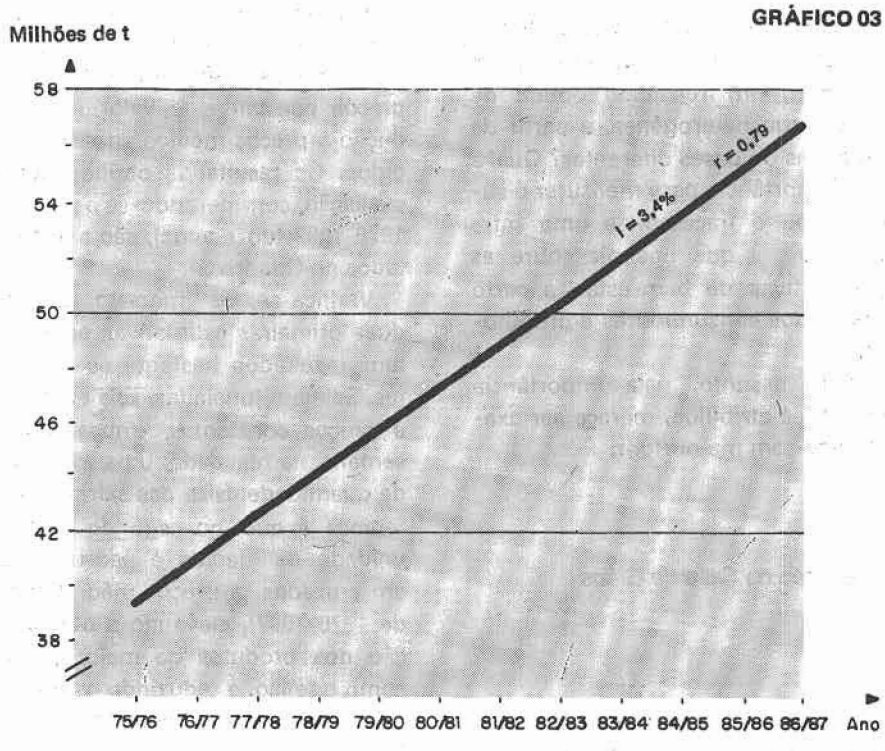
**FONTE – Quadros 06, 07 e 08.**
**(1) Quantidade multiplicada pelo preço médio real de 1976-87;**
**(2) Quantidade multiplicada pelo preço médio real do ano considerado;**
**Deflator dos preços: IGP-DI de março de 1988 = 100.**

O significado concreto destes resultados para o consumidor e para o produtor rural torna-se claro no exame dos Gráficos 03 e 04. O Gráfico 03 mostra os pontos correspondentes à primeira coluna do Quadro 04 (produção física), juntamente com a reta ajustada aos mesmos por correlação linear. Esta reta configura uma taxa de crescimento anual (i) da produção de **grãos** de 3,4%. O coeficiente de correlação (r) de 0,79 indica que esta taxa representa relativamente bem a tendência observada no período 1976-1987.

O Gráfico 04 apresenta os valores e as linhas de regressão, bem como as taxas anuais de crescimento e coeficientes de correlação, correspondentes às duas outras estimativas da safra de **grãos**: a **preços constantes** e aos **preços médios anuais** corrigidos. Como já evidenciado pelo Quadro 04, o valor a **preços constantes** assemelha-se bastante à situação expressa pelo Gráfico 03. Somente a taxa anual de crescimento é ligeiramente menor (3,2%) e o coeficiente de correlação mais alto (0,81%). No entanto, a parte do

**BRASIL – PRODUÇÃO DE *GRÃOS* NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**
**(em milhões de t)**

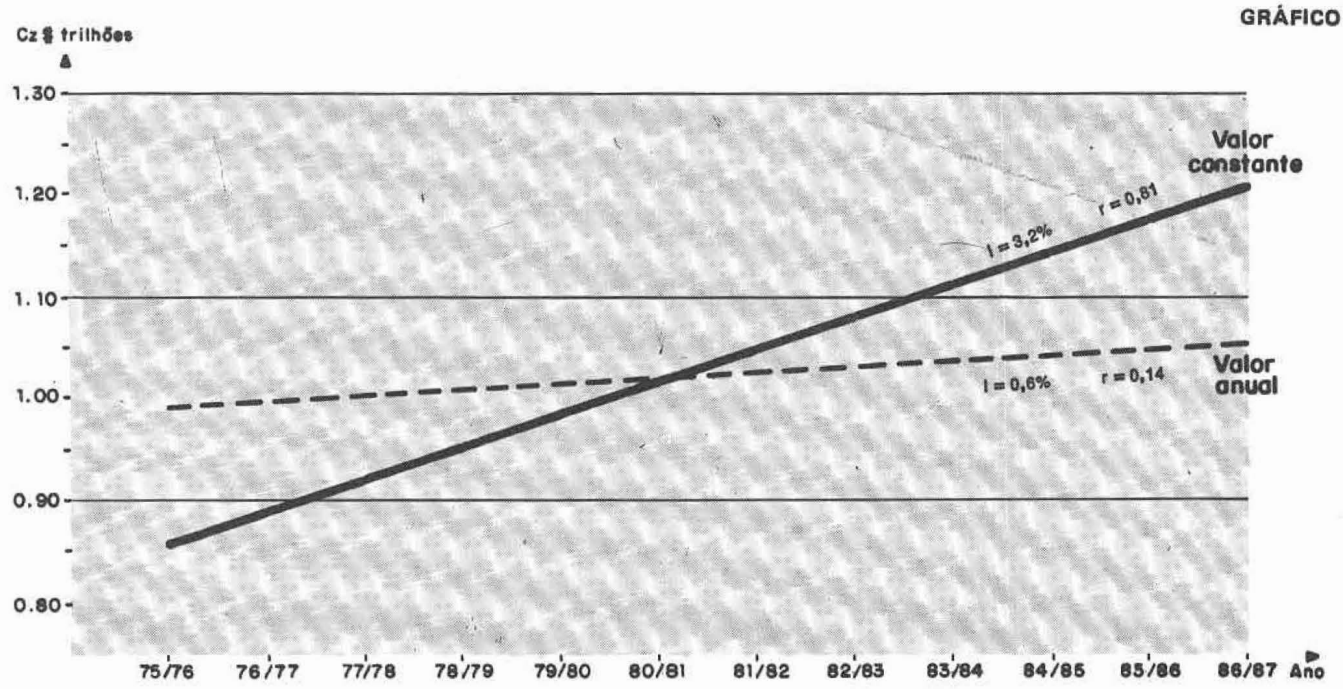
**GRÁFICO 03**




**FONTE – Quadro 04.**

**BRASIL – PRODUÇÃO DE *GRÃOS* A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

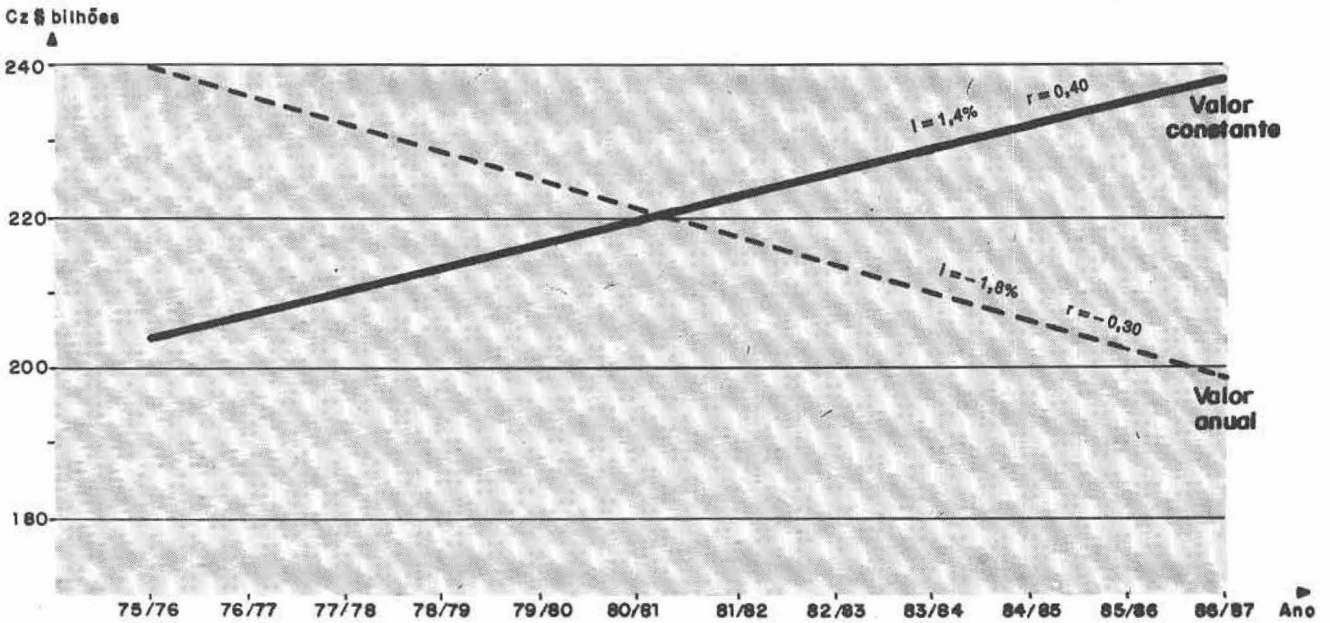
**GRÁFICO 04**




**FONTE – Quadro 04.**

**BRASIL – PRODUÇÃO DE ARROZ A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

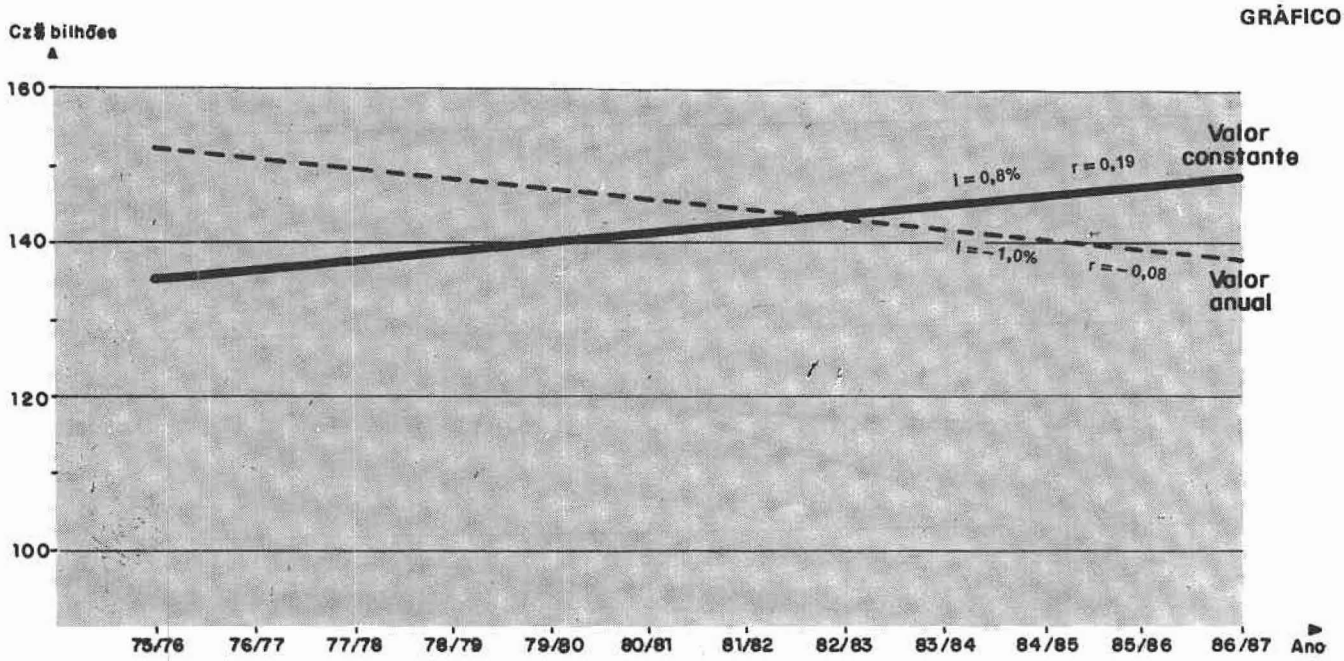
**GRÁFICO 05**




**FONTE – Quadros 05 e 07.**

**BRASIL – PRODUÇÃO DE FEIJÃO A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

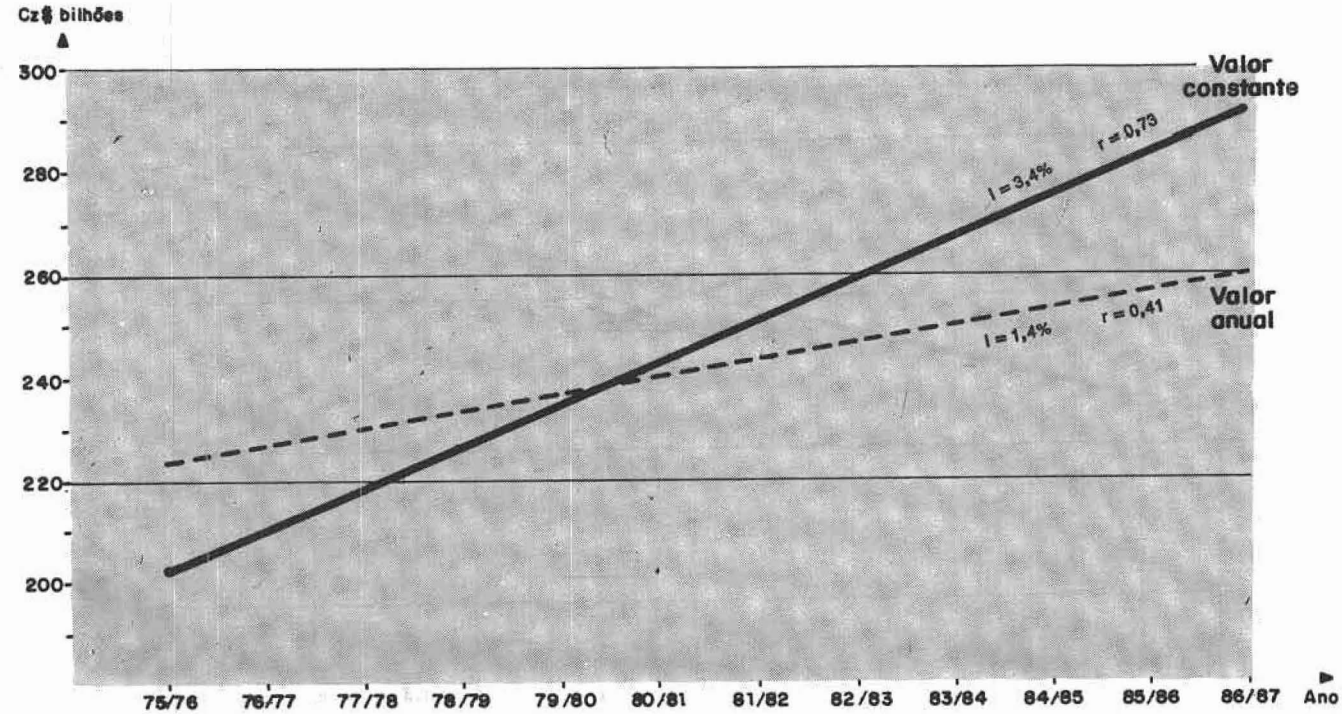
GRÁFICO 06




FONTE – Quadros 05 e 07.

**BRASIL – PRODUÇÃO DE MILHO A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

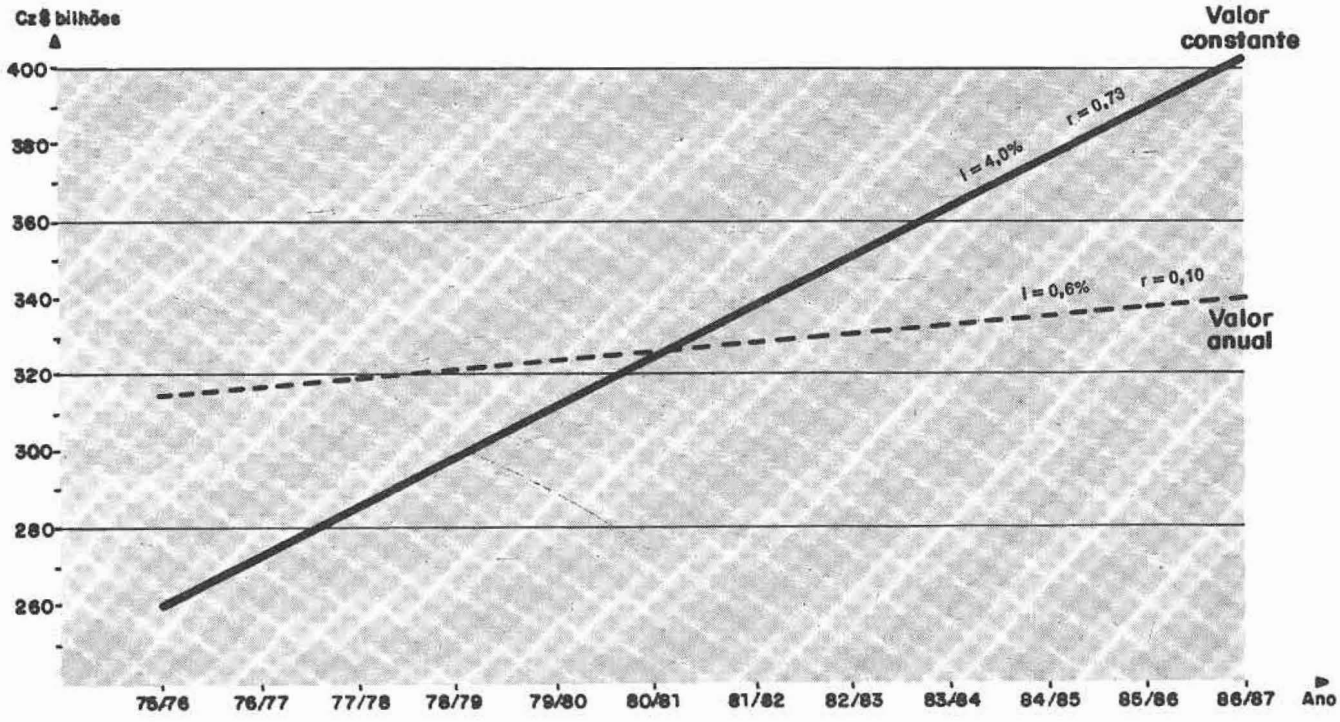
GRÁFICO 07




FONTE – Quadros 05 e 07.

**BRASIL – PRODUÇÃO DE SOJA A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

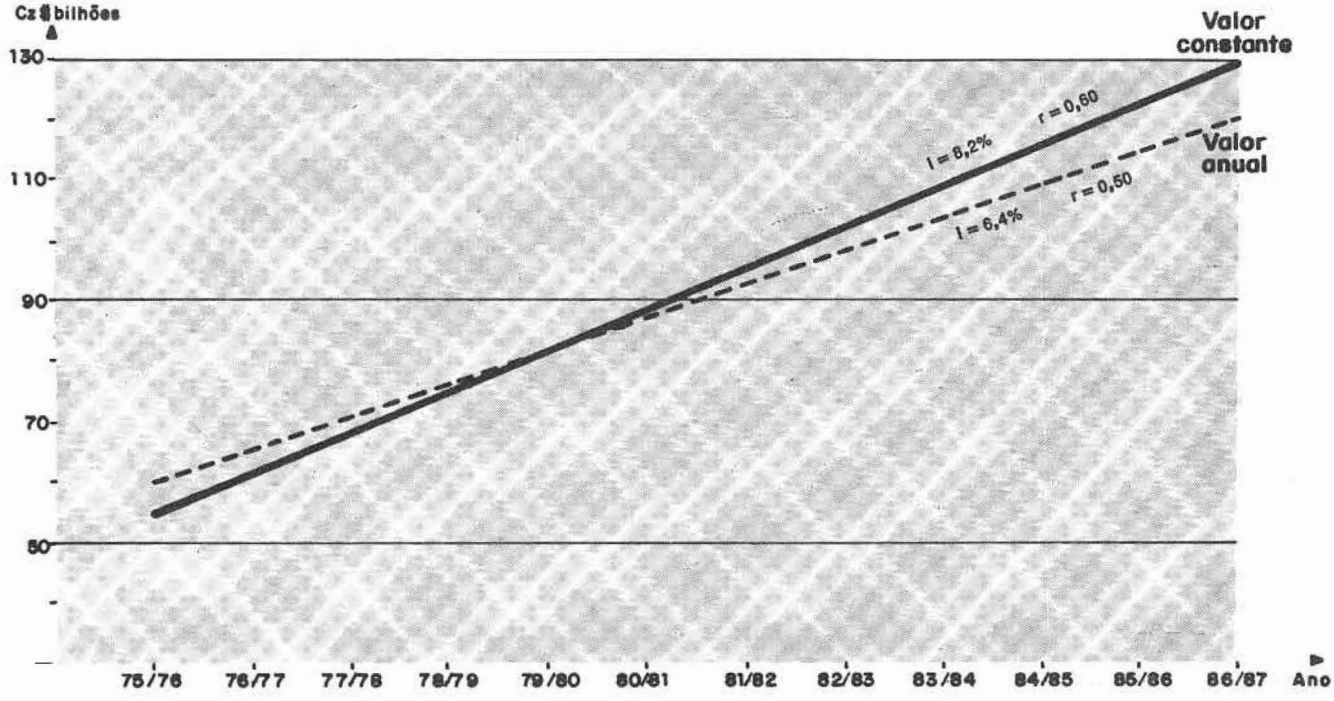
**GRÁFICO 08**




**FONTE – Quadros 05 e 07.**

**BRASIL – PRODUÇÃO DE TRIGO A PREÇOS CONSTANTES E A PREÇOS ANUAIS CORRIGIDOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**

**GRÁFICO 09**

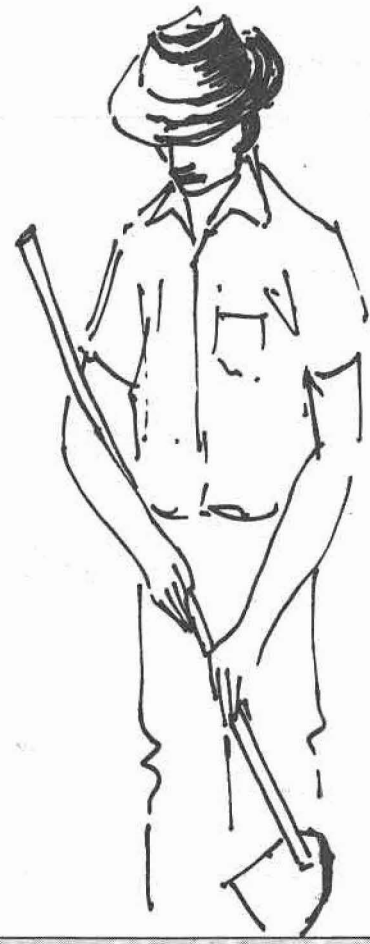



**FONTE – Quadros 05 e 07.**

**QUADRO 05– BRASIL – PREÇOS DE *GRÃOS* SELECIONADOS NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87 (em Cz$/60 kg)**

| SAFRA | ARROZ | FEIJÃO | MILHO | SOJA | TRIGO |
|---|---|---|---|---|---|
| 1975/76 | 1.574,65 | 3.634,90 | 786,61 | 1.459,03 | 1.838,91 |
| 1976/77 | 1.501,34 | 6.057,86 | 616,13 | 1.946,33 | 1.970,93 |
| 1977/78 | 1.474,07 | 2.361,21 | 904,55 | 1.621,87 | 1.831,01 |
| 1978/79 | 1.739,08 | 2.708,17 | 852,95 | 1.694,40 | 1.496,81 |
| 1979/80 | 1.911,01 | 3.239,48 | 838,03 | 1.471,53 | 1.573,66 |
| 1980/81 | 1.303,92 | 7.594,07 | 729,44 | 1.260,36 | 1.834,02 |
| 1981/82 | 1.619,98 | 3.733,90 | 620,47 | 1.174,19 | 1.777,83 |
| 1982/83 | 1.493,89 | 2.409,40 | 800,20 | 1.316,97 | 1.664,40 |
| 1983/84 | 1.212,54 | 4.246,27 | 743,58 | 1.774,12 | 1.814,40 |
| 1984/85 | 1.513,96 | 3.511,70 | 761,42 | 1.377,34 | 2.076,36 |
| 1985/86 | 1.476,61 | 3.148,52 | 794,88 | 1.245,70 | 1.896,47 |
| 1986/87 | 812,01 | 3.291,41 | 470,91 | 967,45 | 1.175,61 |
| MÉDIA | 1.469,42 | 3.828,08 | 743,27 | 1.442,44 | 1.745,87 |

FONTE – CFP E FGV (preços médios mensais, ponderados pelas parcelas da comercialização mensal da safra).



**QUADRO 06 – BRASIL – VALOR DA PRODUÇÃO DE *GRÃOS*, A PREÇOS MÉDIOS ANUAIS CORRIGIDOS, NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87 (em Cz$ milhões)**

| SAFRA | ARROZ | FEIJÃO | MILHO | SOJA | TRIGO | *GRÃOS* |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1975/76 | 256.065,08 | 111.470,19 | 232.718,87 | 273.009,47 | 98.565,50 | 971.829,11 |
| 1976/77 | 225.050,21 | 231.208,50 | 197.736,82 | 405.906,81 | 67.865,85 | 1.127.768,20 |
| 1977/78 | 179.246,41 | 86.341,63 | 204.564,67 | 257.904,98 | 82.120,77 | 810.178,46 |
| 1978/79 | 220.139,02 | 98.667,48 | 231.804,36 | 289.178,01 | 73.019,49 | 912.808,37 |
| 1979/80 | 311.367,95 | 106.255,06 | 284.538,59 | 371.709,19 | 70.866,93 | 1.144.737,72 |
| 1980/81 | 178.810,41 | 296.295,49 | 256.724,80 | 315.237,18 | 67.553,10 | 1.114.620,98 |
| 1981/82 | 262.841,63 | 180.658,51 | 225.873,02 | 251.198,74 | 54.134,83 | 974.706,73 |
| 1982/83 | 192.761,43 | 63.487,81 | 249.809,97 | 320.067,78 | 62.054,55 | 888.181,54 |
| 1983/84 | 182.426,50 | 185.845,01 | 262.286,55 | 459.526,02 | 59.966,08 | 1.150.050,16 |
| 1984/85 | 227.724,51 | 149.188,93 | 279.415,26 | 419.607,25 | 149.497,85 | 1.225.433,80 |
| 1985/86 | 256.069,20 | 116.442,90 | 272.128,50 | 276.856,40 | 178.204,76 | 1.099.701,76 |
| 1986/87 | 141.046,24 | 110.756,10 | 210.238,30 | 271.112,22 | 115.386,36 | 848.539,22 |

FONTE – Quantidades: Quadro 07.
Preços: Quadro 05.

**QUADRO 07 – BRASIL – PRODUÇÃO DE *GRÃOS* NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**
**(em milhões de sacas 60 kg)**

| SAFRA | ARROZ | FEIJÃO | MILHO | SOJA | TRIGO | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1975/76 | 162,62 | 30,67 | 295,85 | 187,12 | 53,60 | 729,85 |
| 1976/77 | 149,90 | 38,17 | 320,93 | 208,55 | 34,43 | 751,98 |
| 1977/78 | 121,60 | 36,57 | 226,15 | 159,02 | 44,85 | 588,18 |
| 1978/79 | 126,58 | 36,43 | 271,77 | 170,67 | 48,78 | 654,23 |
| 1979/80 | 162,93 | 32,80 | 339,53 | 252,60 | 45,03 | 832,90 |
| 1980/81 | 137,13 | 39,02 | 351,95 | 250,12 | 36,83 | 815,05 |
| 1981/82 | 162,25 | 48,38 | 364,03 | 213,93 | 30,45 | 819,05 |
| 1982/83 | 129,03 | 26,35 | 312,18 | 243,03 | 37,28 | 747,88 |
| 1983/84 | 150,45 | 43,77 | 352,73 | 259,02 | 33,05 | 839,02 |
| 1984/85 | 150,42 | 42,48 | 366,97 | 304,65 | 72,00 | 936,52 |
| 1985/86 | 173,42 | 36,98 | 342,35 | 222,25 | 93,97 | 868,97 |
| 1986/87 | 173,70 | 33,65 | 446,45 | 280,23 | 98,15 | 1.032,18 |

**FONTE – IBGE.**



**QUADRO 08 – BRASIL – PRODUÇÃO DE *GRÃOS*, A PREÇOS CONSTANTES, NAS SAFRAS 1975/76 A 1986/87**
**(em Cz$ milhões)**

| SAFRA | ARROZ | FEIJÃO | MILHO | SOJA | TRIGO | *GRÃOS* |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1975/76 | 238.952,43 | 117.394,33 | 219.895,08 | 269.904,93 | 93.578,53 | 939.725,30 |
| 1976/77 | 220.266,29 | 146.104,90 | 238.538,65 | 300.821,27 | 60.116,06 | 965.847,17 |
| 1977/78 | 178.681,66 | 139.979,98 | 168.089,48 | 229.372,31 | 78.302,18 | 794.425,61 |
| 1978/79 | 186.004,28 | 139.469,57 | 201.994,77 | 246.176,76 | 85.169,26 | 858.814,64 |
| 1979/80 | 239.417,75 | 125.560,89 | 252.363,39 | 364.360,04 | 78.622,26 | 1.060.325,13 |
| 1980/81 | 201.506,67 | 149.358,77 | 261.592,27 | 360.778,77 | 64.306,14 | 1.037.542,62 |
| 1981/82 | 238.413,65 | 185.215,08 | 270.573,39 | 308.586,41 | 53.161,68 | 1.055.950,21 |
| 1982/83 | 189.604,36 | 100.869,80 | 232.035,08 | 350.561,47 | 65.091,78 | 938.162,50 |
| 1983/84 | 221.074,47 | 167.542,13 | 262.174,49 | 373.616,51 | 57.700,94 | 1.082.108,54 |
| 1984/85 | 221.025,49 | 162.629,43 | 272.753,64 | 439.439,94 | 125.702,50 | 1.221.551,00 |
| 1985/86 | 254.822,19 | 141.575,01 | 254.456,92 | 320.582,72 | 164.053,40 | 1.135.490,24 |
| 1986/87 | 255.238,52 | 128.814,76 | 331.830,85 | 404.220,32 | 171.356,95 | 1.291.461,40 |

**FONTE – Quantidades: Quadro 07.**
**Preços: Quadro 05 (média).**

gráfico referente às estimativas do valor da produção, avaliado ano a ano, mostra uma tendência muito diferente. A linha de regressão indica uma elevação da renda agrícola de somente 0,5% ao ano, com um coeficiente de correlação de 0,14, caracterizando que esta taxa pode ser altamente variável.

Portanto, enquanto a safra de **grãos**, medida em termos físicos, é apontada como responsável pelo bom desempenho da economia e como fonte de adequado suprimento à população urbana, seu significado para o meio rural é outro, trazendo conseqüências que serão abordadas na parte final deste artigo.

**QUADRO 09 – BRASIL – PONDERAÇÕES MÉDIAS RESULTANTES DA AVALIAÇÃO DA SAFRA DE *GRÃOS* EM PESO, A PREÇOS CONSTANTES E EM VALOR DA PRODUÇÃO A PREÇOS MÉDIOS ANUAIS CORRIGIDOS**
**(em %)**

| PRODUTO | PRODUÇÃO EM PESO | PRODUÇÃO A PREÇOS CONSTANTES | VALOR DA PRODUÇÃO |
|---|---|---|---|
| Arroz | 18,72 | 21,36 | 21,47 |
| Feijão | 4,63 | 13,77 | 14,16 |
| Milho | 41,50 | 23,96 | 23,70 |
| Soja | 28,61 | 32,05 | 31,88 |
| Trigo | 6,54 | 8,86 | 8,80 |
| Total | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

FONTE – Quadros 06, 07 e 08.

## Análise por Produto

Os resultados obtidos pelos dois últimos métodos para os cinco produtos componentes da safra de **grãos**, aqui considerados, são apresentados nos Gráficos 05 a 09. O primeiro método (produção física) não é incluído, já que seus resultados, no nível de produto individual, são rigorosamente iguais aos da produção a **preços constantes**.

Como já se podia prever, constata-se que o desempenho físico é invariavelmente superior ao da renda agrícola. Vale notar que as rendas brutas referentes ao arroz (–1,8% a.a.) e ao feijão (–1,0% a.a.) apresentam tendências declinantes ao longo do período, enquanto a soja (0,6% a.a.) pouco cresceu, ficando com o trigo (6,4% a.a.) o único resultado expressivo. Por outro lado, em termos de crescimento físico, o milho (3,4% a.a.), a soja (4,0% a.a.) e o trigo (8,2% a.a.) apresentam tendências bastante satisfatórias.

Os coeficientes de correlação, também em todos os casos, asseguram maior estabilidade às séries de produção física. A renda agrícola possui tendência essencialmente instável, sujeita a fortes mudanças, ampliando o risco que normalmente caracteriza essa atividade. Este risco é mais pronunciado nos casos do arroz e feijão, produtos alimentícios básicos.

Quanto à importância relativa de cada produto na avaliação da safra de **grãos**, o Quadro 09 mostra que a estimativa ordinariamente divulgada, baseada no peso em milhões de toneladas, atribui ao milho, em média, 41,5% do resultado da safra. Os outros dois métodos, que levam em consideração o valor relativo desses produtos, reduzem a contribuição do milho à casa dos 24% e elevam a dos demais, principalmente a do feijão, que chega aos 14%.

## Desempenho Setorial

A safra de **grãos** é normalmente anunciada como indicadora do desempenho da safra agrícola como um todo. Uma verificação dessa possibilidade é apresentada no Quadro 10, em que as variações do produto físico da safra de **grãos** são comparadas às variações do produto da agropecuária, desmembrado em seus principais agregados.

A comparação direta entre as variações anuais apresentadas nas colunas "safra de *grãos*" e "agropecuária" oferece pouco suporte aos que argumentam em favor da semelhança entre ambas. Somente em quatro dos onze anos considerados, o desempenho da agropecuária guardou alguma relação com a da produção de **grãos**: 1982, 1985, 1986 e 1987. Em dois desses quatro casos, isto ocorreu por mera coincidência, como pode ser constatado em 1982 e 1987, quando o **produto real das lavouras** (sem café) cresceu 6,6% e 7,2%, contra variações da safra de **grãos** de 0,5% e 18,8%, respectivamente.

Torna-se clara, portanto, a inadequação da safra de **grãos** para servir de parâmetro de avaliação da produção global da agricultura. Tal inadequação é patente, até mesmo quando se compara a produção de **grãos** com o desempenho de um subsetor específico, como o de lavouras, excluído o café: no Quadro 10 constata-se que somente em quatro dos onze anos (1983, 1984, 1985 e 1986) o desempenho de ambos os grupos se aproxima.

Tais resultados devem-se ao fato de a produção de **grãos** representar cerca de 50% do valor da produção do subsetor de lavouras, e apenas

**QUADRO 10 – BRASIL – VARIAÇÃO DA SAFRA DE *GRÃOS* E DO PRODUTO REAL DA AGROPECUÁRIA (1977-87)**
**(em %)**

| ANO | SAFRA DE *GRÃOS* | PRODUTO REAL DA AGROPECUÁRIA | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Lavouras (total) | Lavouras (s/café) | Prod. animal | Agropecuária |
| 1976 | – | – | – | – | – |
| 1977 | 3,0 | 13,6 | 7,4 | 11,7 | 12,9 |
| 1978 | –21,8 | – 6,0 | –9,7 | 1,8 | –2,9 |
| 1979 | 11,2 | 6,7 | 6,9 | 3,3 | 5,4 |
| 1980 | 27,3 | 7,2 | 11,2 | 8,8 | 7,8 |
| 1081 | – 2,1 | 9,5 | 0,8 | 5,6 | 8,0 |
| 1982 | 0,5 | – 3,4 | 6,6 | 4,4 | –0,3 |
| 1983 | – 8,7 | – 1,6 | –8,4 | 1,5 | –0,4 |
| 1984 | 12,2 | 8,6 | 12,6 | 4,3 | 3,5 |
| 1985 | 11,6 | 13,4 | 10,6 | 3,8 | 9,6 |
| 1986 | – 7,2 | –11,0 | –5,1 | –2,1 | –7,5 |
| 1987 | 18,8 | 15,6 | 7,2 | 11,8 | 14,7 |

**FONTE – Quadro 01 e FGV/Ibre/Cea.**

um terço do valor da produção global da agropecuária. A esta limitação soma-se a sua mensuração em toneladas, ao invés de em valor, com as deficiências já assinaladas anteriormente.

## Comentários Finais

A análise da safra de *grãos*, aqui apresentada, serve para trazer evidencia a algumas observações, expostas a seguir:

a) Dos três métodos de avaliação utilizados, a mensuração da safra de **grãos** pelo volume físico, em toneladas, é a mais imprópria para oferecer ao consumidor, ao produtor e, mesmo, ao político, as informações que lhes interessam. Esta safra, medida em valor a preços constantes, é mais apropriada a formar expectativas do consumidor, enquanto, se medida em termos de renda agrícola, é mais adequada a informar o produtor sobre a evolução do Setor, ano a ano;

b) Ao longo de um período de doze anos (1976-1987), a safra de **grãos**, em toneladas, foi a que apresentou a maior taxa anual de crescimento (3,4%), seguida pela avaliação a preços constantes (3,2%), ficando ambas acima da avaliação em termos de renda agrícola (0,5%). Sob este último critério, tanto os cinco produtos considerados (arroz, feijão, milho, soja e trigo), como o seu somatório, apresentaram coeficientes de correlação bastante baixos, evidenciando a instabilidade da renda agrícola, no tempo;

c) A diferença entre as taxas de crescimento da produção e da renda indica que a agricultura tem conseguido suprir adequadamente as necessidades de consumo de **grãos**, sem aumentar sua renda na mesma proporção. A queda **real** dos preços agrícolas, ao longo do período em análise, somente deixaria de afetar a renda líquida do produtor, caso ocorressem aumentos de produtividade, redução dos custos de produção ou uma combinação de ambos, hipóteses não testadas neste trabalho. Por sua vez, a instabilidade da renda agrícola, aqui demonstrada, pode ter reduzido substancialmente a eficácia dos ajustamentos do produtor ao sistema de preços;

d) A safra de **grãos**, em peso físico, não é indicador válido do desempenho do produto agrícola brasileiro. É deficiente para avaliar, até mesmo, a produção do subsetor de lavouras, excluído o café.

Como conclusão final, vale assinalar que a evidência aqui apresentada deve servir de alerta aos formuladores da política agrícola e outras autoridades dos setores público e privado – além do cidadão comum – para que não atribuam a estimativas desta natureza importância superior a que realmente possuem. A decantada safra de **grãos** – diga-se a bem da verdade – não vale o talento, o tempo e a tinta que têm sido gastos em seu louvor.

*Alberto Veiga, diretor da **Divisão de Política e Desenvolvimento**, do **Instituto de Economia Agrícola**, da **Secretaria da Agricultura** do estado de São Paulo e **Luiz Carlos Moura**, do **Departamento de Estudos Econômicos** da **Sociedade Rural Brasileira**.*

*Os autores agradecem o apoio do **Centro de Estudos Agrícolas**, do **Instituto Brasileiro de Economia**, da **FGV**, através da economista **Maria José Cyhlar Monteiro**, pelo fornecimento dos dados básicos utilizados na elaboração deste trabalho.*

# CIRANDA DOS SUBSÍDIOS

*Apesar de opiniões em contrário, a experiência da maioria das economias avançadas indica que subsídios a determinadas atividades são necessários. É indispensável, contudo, rever periodicamente se as premissas que originaram os subsídios se mantêm válidas ou se novas circunstâncias colocam em xeque sua aplicação. Os subsídios à atividade sucro-alcooleira oferecem bom tema para reflexão.*

A economia brasileira é rica pelo menos em número de subsídios e incentivos concedidos. Subsídios à produção agrícola e industrial, à comercialização, à exportação, às regiões geográficas, a programas sociais, ao desenvolvimento tecnológico, aos transportes, à capitalização de empresas e tantos outros com diferentes finalidades.

Essa constelação de transferências compulsórias de renda que, em última análise, é a concessão de um subsídio, por parte do governo à produção de cana-de-açúcar, açúcar e álcool apresenta, indubitavelmente, o conjunto de subsídios mais complexamente entrelaçados, resultante da diversidade de mercados, setores econômicos, segmentos sociais e diferenças regionais envolvidas.

Responsável hoje, por aproximadamente 4% no **Pib** nacional, a produção de cana-de-açúcar, açúcar e álcool, grupo de atividades econômicas conhecido como "agroindústria sucroalcooleira", é, dentre as inúmeras atividades subsidiadas na economia brasileira, a que apresenta a menor transparência, quer em relação ao total dos subsídios comprometidos, quer em relação aos ônus e benefícios de cada agente econômico participante do sistema de produção/comercialização daqueles produtos.

Dentre as principais transferências existentes dentro do grupo cana-de-açúcar/açúcar/álcool, destacam-se três: o subsídio à equalização de custos pago aos produtores de cana-de-açúcar das Regiões Norte e Nordeste e estado do Rio de Janeiro (Campos); à exportação de açúcares em que a diferença entre as cotações externas e custos internos quase sempre é desfavorável, e o consumo interno do álcool carburante, no qual o preço pago aos produtores do álcool hidratado é sempre maior do que o preço pago pelo consumidor na bomba, conseqüência da paridade de 65% na relação álcool/gasolina.

O total desses subsídios, a cada ano, indicaria uma pesada carga financeira para os cofres públicos, e, como sempre, sendo coberto indistinta e igualmente por todos os contribuintes brasileiros.

Na realidade, não é bem assim. Como ocorre com freqüência no labirinto dos subsídios, é comum perder-se de vista o caminho entre o ônus do pagamento e a verdadeira fonte cedente, e entre benefícios e o destinatário visível do subsídio concedido.



Por exemplo, o chamado subsídio a produtores de cana-de-açúcar e açúcar de estados com maiores custos de produção e, conseqüentemente, preços também mais elevados, é um caso típico dessa perda de visão. Criado por voto do **Conselho Monetário Nacional**, em 1971, o subsídio de equalização de custos foi a forma encontrada para compensar produtores do Norte, Nordeste e Rio de Janeiro por seus custos de produção mais elevados, mantendo-se a unificação dos preços do açúcar e álcool em todo o **Brasil** (ver Quadro 11).

À época de sua criação, o **Programa de Equalização de Custos**, assim denominado porque intencionava também ganhos de produtividade na produção de cana daqueles estados e regiões, previa, como fonte de seu financiamento, recursos gerados pelo próprio Setor, então obtidos através do extinto **Fundo Especial de Exportação (Fundex)**, a partir dos saldos da exportação de açúcar, cujos preços externos eram amplamente favoráveis, naquele período.

Com a volta das cotações internacionais do açúcar aos históricos, e, portanto, previsíveis patamares de preços deprimidos, ou gravosos em relação aos custos de produção, viu-se o governo na contingência de, não optando pela sua extinção ou redu-

**QUADRO 11 – BRASIL – FORMAÇÃO DOS PREÇOS DA CANA-DE-AÇÚCAR* (Cz$/t)**

| ESPECIFICAÇÃO | REGIÃO NORTE/ NORDESTE | RIO DE JANEIRO | DEMAIS ESTADOS |
|---|---|---|---|
| Preço no campo | 190,03 | 147,20 | 143,00 |
| Transporte | 18,55 | 16,26 | 16,56 |
| Subtotal | 208,58 | 163,46 | 159,56 |
| Pis | 1,91 | 1,50 | 1,46 |
| Finsocial | 1,28 | 1,00 | 0,98 |
| ICM | 43,37 | 33,99 | 33,18 |
| Preço na esteira | 255,14 | 199,95 | 195,18 |

FONTE – IAA.
* Preços vigentes no último mês da safra 1986/87.

que o ônus seria coberto com os saldos existentes na exportação de açúcar, portanto, eram consumidores externos bancando o custo de equalização de preços do açúcar e do álcool no mercado interno.

Atualmente, é o consumidor interno de açúcar, produto de largo consumo popular e principal alimento energético das camadas mais baixas da população, que transfere sua renda para subsidiar empresas e empregos no Norte, Nordeste e Rio de Janeiro; subsidiar consumidores externos do açúcar brasileiro; subsidiar proprietários de carros a álcool, e, por vias tortuosas, pagar, com os dólares gravosos da exportação de açúcar, parte dos juros da dívida externa aos bancos internacionais.

Evidentemente, os subsídios têm estado presentes na formulação de política econômica praticamente em todos os tempos e em todos os países. Porém, no caso dos subsídios à produção e comercialização da cana-de-açúcar, açúcar e álcool, o que deve ser repensado, à luz da nova realidade econômica brasileira, é se aqueles objetivos que originaram a concessão de tais subsídios ainda são válidos sob a ótica de uma justiça social que se pretenda alcançar.

*Sergio Pace, Administrador de Empresa, Convênio* ***Ibre/IAA.***

ção, passar a subsidiar o **Programa de Equalização de Custos** com recursos do **Tesouro Nacional.**

Mais tarde, porém, transferiu-se o ônus do financiamento do **Programa** para o consumidor final de açúcar e álcool, através das taxas denominadas **Contribuição ao IAA** e **Adicional à Contribuição,** onerando em 15% e 10%, respectivamente, o preço final do saco de açúcar. Essas duas taxas são pagas, inclusive, pelos consumidores das regiões subsidiadas.

Como em todo benefício concedido além do retorno político que daí deriva, no caso deste subsídio específico, o governo vem obtendo, também, um retorno financeiro.

Apenas na última safra sucroalcooleira (ver quadro 12), o montante de transferências para o **Programa de Equalização de Custos,** atingiu o valor de Cz$ 95,3 bilhões, a preços de abril do corrente ano. Desse montante, foram destinados Cz$ 31,1 bilhões para subsidiar a produção de cana-de-açúcar destinada à fabricação de açúcar, e Cz$ 23,0 bilhões para a cana-de-açúcar destinada à produção de álcool. Apesar de ainda existir um pequeno diferencial de custos industriais referente ao menor rendimento das canas processadas nessas regiões subsidiadas, o governo obteve um excelente **lucro** entre o que arrecadou e o que efetivamente repassou aos produtores – Cz$ 41,2 bilhões.

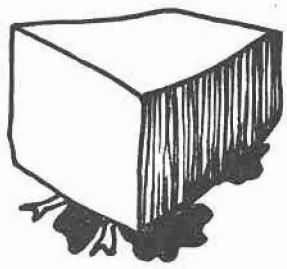
**QUADRO 12 – BRASIL – PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NA SAFRA 1986/87 (Em milhões de t)**

| ESPECIFICAÇÃO | TOTAL | PARA AÇÚCAR | PARA ÁLCOOL |
|---|---|---|---|
| **Brasil** | 227,9 | 94,6 | 133,3 |
| Região Norte/Nordeste* | 71,3 | 40,2 | 31,1 |
| Rio de Janeiro* | 8,5 | 5,5 | 3,0 |

FONTE – IAA.
* Com subsídio de equalização de custos.

Esse superávit, quase o dobro das necessidades reais, com toda certeza cobriu também parte dos subsídios com a gravosidade do açúcar de exportação e da intrincada e opaca **Conta Álcool,** cujo débito é apurado pela contabilidade da **Petrobrás.**

Assim, chega-se hoje a uma situação de transferência de renda bem diferente daquela de dezessete anos atrás, quando foi instituído o **Programa.** Àquela ocasião, definiu-se



# BATATA-INGLESA

**BRASIL – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO DA BATATA-INGLESA – 1987 A 1988[1]**

| | 1987 | 1988 | % |
|---|---|---|---|
| **1ª Safra – Águas** | | | |
| Área (ha) | 99.214 | 105.846 | 6,7 |
| Produção (t) | 1.349.690 | 1.407.836 | 4,3 |
| Rendimento médio (kg/ha) | 13.604 | 13.301 | – 2,2 |
| **2ª Safra[2] – Secas e Inverno** | | | |
| Área (ha) | 59.182 | 50.197 | –15,2 |
| Produção (t) | 622.668 | 591.298 | – 5,0 |
| Rendimento médio (kg/ha) | 10.521 | 11.780 | 12,0 |
| **3ª Safra[3] – Inverno** | | | |
| Área (ha) | 17.172 | ... | ... |
| Produção (t) | 349.552 | ... | ... |
| Rendimento médio (kg/ha) | 20.356 | ... | ... |

FONTE – IBGE.

1 Área plantada, produção e rendimento médio esperados. Estimativa de maio;

2 Não se tratam ainda de estimativas em nível nacional, pois algumas unidades da Federação ainda não informaram a safra de 1988. Em 1987 foram obtidas 643.344 t na segunda safra, numa área de 60.591 ha;

3 A terceira safra, que se distingüe apenas em Minas Gerais e São Paulo, ainda não foi estimada para 1988.

**PARANÁ E MINAS GERAIS – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES[1] DA BATATA-INGLESA – 1987 E 1988 (Cz$/kg)**

| MÊS | PARANÁ | | MINAS GERAIS | |
|---|---|---|---|---|
| | 1987 | 1988 | 1987 | 1988 |
| JAN | 47,26 | 9,50 | 51,76 | 12,79 |
| FEV | 36,81 | 8,58 | 45,07 | 13,65 |
| MAR | 29,50 | 9,36 | 37,77 | 16,62 |
| ABR | 27,77 | 9,38 | 36,47 | 18,43 |
| MAI | 32,46 | 12,06 | 38,46 | ... |
| JUN | 24,57 | | 32,37 | |
| JUL | 25,69 | | 34,45 | |
| AGO | 26,25 | | 30,76 | |
| SET | 21,74 | | 21,46 | |
| OUT | 18,36 | | 18,36 | |
| NOV | 15,73 | | 16,70 | |
| DEZ | 12,48 | | 14,00 | |

FONTE – FGV/Ibre/Cea e IEA/SP.

1 Preços corrigos pelo IGP-DI, para maio de 1988;
... Dado não disponível

A produção da safra **das águas** foi expressiva, superando em 4% a obtida na mesma época do ano passado. Aquela safra, em virtude do incremento da área plantada (propiciado pelos elevados preços praticados em 1986) e das boas condições climáticas, foi recorde. Devido também, em grande parte, à retração da demanda, os preços recebidos pelos produtores reduziram-se acentuadamente entre agosto de 1987 e fevereiro deste ano, a ponto de as vendas não compensarem. Como os preços ficaram aquém dos custos de produção, os produtores acumularam vultosos prejuízos, desestimulando a colheita, o que provocou redução da oferta e conseqüente melhoria da comercialização, a partir de fins de fevereiro. Além disso, as chuvas excessivas que assolaram a região **Sudeste** neste mês e os movimentos especulativos de preços daí resultantes também contribuíram para aumentar as cotações, a exemplo do que ocorreu com outras olerícolas.

Já na segunda safra (com pico em junho e julho), em decorrência sobretudo dos baixos preços praticados por ocasião do plantio, deverá ocorrer significativo decréscimo na área e, por conseguinte, na produção.

Atualmente, prosseguindo a tendência tradicionalmente verificada nos meses de abril e maio e, também, acompanhando o aumento generalizado das cotações das olerícolas, motivado pelas baixas temperaturas registradas desde o final de maio, os preços da batata permanecem elevados.

Nos meses vindouros, caso sejam efetivadas importações da ordem de 30 mil t da **Argentina** (com base no acordo de comércio), as cotações poderão voltar a cair excessivamente, desestimulando outra vez os produtores. Ainda mais, tendo em vista que as perspectivas, com o incremento da oferta proveniente da segunda safra, já indicam certa estabilidade de preços.

# SUINOCULTURA

PARANÁ

Abates SIF[1]: 741.515 cabeças
Variação em relação a um ano antes: + 11%

Preço médio recebido pelo produtor[2]: Cz$ 79,95/kg
Variação real em relação a um ano antes: – 11%

Preço relativo **suíno/milho**[2]: 5,80
Variação relativa a um ano antes: – 11%

[1] janeiro a maio; [2] em maio.

**FONTE – Deral/PR, FGV/Ibre/Cea.**

SANTA CATARINA

Abates SIF[1]: 1.684.229 cabeças
Variação em relação a um ano antes: + 15%

Preço médio recebido pelo produtor[2]: Cz$ 80,61/kg
Variação real em relação a um ano antes: + 4%

Preço relativo **suíno/milho**[3]: 5,84
Variação relativa a um ano antes: 17%

[1] janeiro a maio; [2] em maio.

**FONTE – Cepa/SC, FGV/Ibre/Cea.**

RIO GRANDE DO SUL

Abates SIF[1]: 894.163 cabeças
Variação em relação a um ano antes: + 25%

Preço médio recebido pelo produtor[2]: Cz$ 79,99/kg
Variação real em relação a um ano antes: + 6%

Preço relativo **suíno/milho**[2]: 5,44
Variação relativa a um ano antes: – 21%

[1] janeiro a maio; avaliação preliminar para maio;
[2] em maio.

**FONTE – Assoc. Produtores de Produtos Suínos do RS, FGV/Ibre/Cea.**

Ainda se mantêm a tendência ao aumento dos abates de suínos com vistas à redução do rebanho, iniciada em fins do ano passado, e a conseqüente majoração dos preços recebidos pelos criadores (ver **Agroanalysis**, vol. 12, nº 5, maio de 1988). Recentemente, a lucratividade dos suinocultores foi afetada pelo avanço do preço do milho, ditado muito mais pela política oficial de comercialização e de valorização acima dos índices inflacionários, do que por uma real incompatibilidade entre a oferta e a demanda no mercado.

Assim, embora o preço real recebido pelo quilograma da carne de porco, em maio, tenha sido superior ao de um ano antes na região Sul, foi ainda mais acentuada a evolução do preço do milho. Ademais, a localização inconveniente dos estoques governamentais do cereal no Centro-Oeste do país apresenta-se como elemento complicador do abastecimento, especificamente do Rio Grande do Sul, estado que não deve ter colhido mais do que 2,5 milhões de t de milho na presente safra.

Por último, a estiagem que atingiu o **Corn Belt** norte-americano afetou diretamente os custos de produção dos suinocultores, ao provocar valorização dos preços, tanto do farelo de soja quanto do milho, além de cancelar o projeto de importação do cereal da **Argentina** para o abastecimento do Rio Grande do Sul.

Com o início da entressafra de carne bovina, abre-se espaço para o aumento dos preços de outras carnes. No caso da suína, embora as baixas temperaturas do inverno estimulem seu consumo, o reduzido poder de compra da população e a oferta recorde de carne de aves têm limitado os ganhos dos criadores.

Segundo a **Cepa** de Santa Catarina, o país deverá produzir não mais do que 1,1 milhão de t de carne de porco em 1988, com uma queda de 8% frente ao desempenho do ano passado. Neste caso, a disponibilidade para consumo **per capita** seria de 7,5 kg/ano, representando 22% a menos do que em 1987.

# PRECEITOS DE POLÍTICA AGRÍCOLA

## AÇÚCAR E ÁLCOOL

O **Ato nº 21**, de 18/05/88, do **IAA**, reajustou em 43,14% (ver Quadro 13) os preços da cana-de-açúcar e do álcool **(D.O.U.**, de 20/05/88).

O **Decreto-lei nº 2.437**, de 24/05/88, altera o artigo 1º do **Decreto-lei nº 2.401**, de 21/12/87, determinando que, a partir de 1º de junho de 1989, fica vedada a utilização de recursos do **Tesouro Nacional** nas operações de compra e venda de açúcar de produção nacional destinado à exportação. Estas passarão, portanto, a ser realizadas exclusivamente pela iniciativa privada. Para tanto, o **Executivo** reformulará a organização do setor sucro-alcooleiro **(D.O.U.**, de 25/05/88).

O **Decreto nº 96.086**, de 24/05/88, regulamenta o **Decreto-lei nº 2.437**, estabelecendo que a intervenção do poder público na economia sucroalcooleira deverá restringir-se à fiscalização do cumprimento da legislação pertinente, à normatização das relações setoriais dos agentes de produ-

**QUADRO 13 – BRASIL – PREÇOS DA CANA-DE-AÇÚCAR E REMUNERAÇÃO DOS PRODUTORES DE AÇÚCAR E ÁLCOOL**

| DISCRIMINAÇÃO | CENTRO-SUL | | NORTE-NORDESTE |
|---|---|---|---|
| | Rio de Janeiro | Demais estados | |
| Preços da cana-de-açúcar (Cz$/t) | | | |
| no campo | 1.329,96 | 1.338,70 | 1.776,19 |
| na esteira | 1.863,18 | 1.829,49 | 2.387,75 |
| Remuneração do produtor[1] (Cz$/50 kg) | | | |
| Açúcar cristal **standard** | 1.497,65 | 1.341,41 | 1.686,35 |
| superior | 1.604,96 | 1.448,72 | |
| especial | 1.658,62 | 1.502,00 | |
| Preços do açúcar e do álcool para o mercado interno[2] | | | |
| Açúcar cristal (Cz$/50 kg) **standard** | 2.383,29 | 2.381,74 | 2.387,77 |
| superior | 2.514,72 | 2.513,21 | 2.519,23 |
| especial | 2.580,47 | 2.578,93 | 2.584,94 |
| Álcool (Cz$/l) | | | |
| anidro | 49,73 | 49,19 | 51,33 |
| hidratado | 47,08 | 46,55 | 48,62 |
| Preços do açúcar e do álcool para exportação | | | |
| Açúcar demerara (Cz$/t) | 26.464,28 | | 27.782,17 |
| cristal especial (Cz$/50 kg) | 1.705,02 | | 1.863,97 |
| refinado granulado (Cz$/50 kg) | 1.898,30 | | 1.965,95 |
| Álcool (Cz$/l) | | | |
| anidro | 49,43 | 48,99 | 51,02 |
| hidratado | 46,80 | 46,27 | 48,33 |

**FONTE – IAA, Ato nº 23, de 20/05/88.**

**[1] A remuneração do produtor inclui o custo do produto industrial, margens de qualidade e subsídios de equalização;**

**[2] Os preços aqui considerados são os preços oficiais de faturamento, que incluem PIS, Finsocial, ICM e contribuições. No que se refere ao ICM, foi tomado o caso das operações internas, com alíquotas de 17%.**

ção da agroindústria canavieira e à fixação de quotas de produção de cana-de-açúcar e de quotas de produção e de comercialização interna de açúcar e de álcool e, em caso necessário, de quotas de exportação dos produtos mencionados (**D.O.U.**, de 25/05/88).

## CAFÉ

A **Resolução nº 39**, de 25/05/88, do **IBC**, estabelece a forma de cálculo dos Preços Mínimos de Registro de Declarações de Venda de café em grão cru, ou seu equivalente em torrado e moído.

Para os cafés dos Grupos I e II, a apuração do Preço Mínimo de Registro será equivalente a 60% do indicador de **Outros Suaves** da **OIC**, mais 40% do indicador de **Robustas** da **OIC**, utilizando-se a média dos cinco dias anteriores à antevéspera do dia do registro. Do resultado, serão subtraídos US¢ 11/libra-peso para conversão em valor **Fob**, no caso de cafés do Grupo I embarcados pelo porto de Santos; US¢ 13/libra-peso, no caso dos cafés do Grupo I embarcados pelos demais portos e US¢ 18/libra-peso, para cafés do Grupo II.

O indicador de **Outros Suaves** será calculado como 50% da média de cinco dias dos Preços Indicativos da **OIC** para **Outros Suaves** 79 mais 25% da média de cinco dias da primeira posição da **Bolsa de Nova Iorque**, mais 25% da média de cinco dias da segunda posição na mesma **Bolsa**.

O Indicador dos **Robustas** da **OIC** será calculado como 50% da média de cinco dias do Preço Indicativo da **OIC** para **Robustas 79**, mais 25% da média de cinco dias da primeira posição na **Bolsa de Londres** mais 25% da média de cinco dias da segunda posição na mesma **Bolsa**.

Esta mesma fórmula de cálculo do indicador de **Robustas** fornecerá o Preço Mínimo de Registro para os cafés **Robusta Conillon**, deduzindo-se US¢ 12/libra-peso para conversão em valor **Fob**.

A conversão das cotações na **Bolsa de Londres** para US¢ tomará como referência o valor da posição compradora do dólar dos **EUA** no fechamento do mercado londrino, na data do último dia de mercado incluído nas fórmulas mencionadas.

A **Resolução nº 41**, de 25/05/88, do **IBC**, fixa a quota de contribuição, para Registros de Declarações de Venda acolhidos entre 26/05 e 30/09/88, em 24% do Preço Mínimo de Registro.

No caso de registros decorrentes da Quota Leilão, o percentual da quota de contribuição será acrescido do valor de aquisição do **DRDV**, expresso em dólar dos **EUA**. O pagamento da quota de contribuição será feito em duas parcelas iguais, uma paga até três dias úteis contados a partir da data de registro e as outras até o terceiro dia útil subseqüente à data do embarque do café.

A **Resolução nº 42**, de 25/05/88, do **IBC**, estabelece que os registros de Declarações de Venda do café efetuados entre 26/05 e 30/09/88 estarão sujeitos à retenção temporária de três sacas para cada saca registrada.

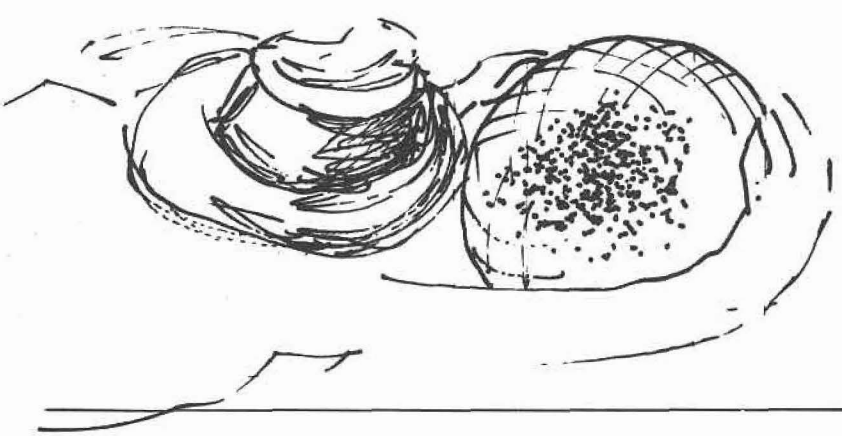
A liberação dar-se-á de acordo com o seguinte esquema: uma saca no prazo de noventa dias a contar da data do registro, outra na data do embarque do café, correspondente à respectiva Declaração de Venda e, a terceira, decorridos trinta dias do embarque.

A **Resolução nº 43**, de 25/05/88, do **IBC**, estabelece que, tendo em vista que o **Brasil**, por força das normas da **OIC**, perderá o direito à parcela de sua quota anual, se esta não for embarcada até 30/09/88, as empresas ou cooperativas exportadoras, que não tenham utilizado as quotas que lhes foram atribuídas pelos critérios de desempenho e estoque, ficarão impedidas de efetuar registros de Declaração de Venda por noventa dias a contar de 1º/10/88.

As empresas, ou cooperativas, que não tenham embarcado até 30/09/88 o café correspondente a Declarações já registradas, terão as respectivas Declarações canceladas e perderão o valor da quota de contribuição, já recolhida, em favor do **Fundo de Defesa da Economia Cafeeira**.

A **Resolução nº 44**, de 25/05/88, do **IBC**, estende aos meses de julho, agosto e setembro de 1988 o sistema de compensação por eventuais quedas de preço estabelecido pela **Resolução nº 89/87** (ver **Agroanalysis**, vol. 11, nº 11, novembro de 1987).

A **Resolução nº 45**, de 25/05/88, do **IBC**, determina que o **Instituto** colocará à venda, através de pregões especiais em Bolsas brasileiras, **Direitos**



de Registros de Declarações de Venda (DRDV) de café em grão, ou seu equivalente torrado e moído para embarques em julho, agosto e setembro de 1988. Poderão participar dos leilões públicos todas as empresas e cooperativas exportadoras registradas na IBC, exceto aquelas impedidas, por razões regulamentares, de registrar Declarações de Venda.

As ofertas serão feitas em cruzados por saca, para a totalidade das sacas que compõem o lote em licitação.

O adquirente do DRDV deverá, no prazo de cindo dias, efetuar o registro de Declaração de Vendas, caso contrário perderá o DRDV e não poderá participar de leilões nos 180 dias seguintes.

O DRDV não utilizado será novamente leiloado. Já no caso em que o IBC suspenda temporariamente os registros de Declarações de Venda, os adquirentes de DRDV terão a opção de colocá-los à disposição do IBC no dia imediatamente posterior ao da suspensão do registro, para aproveitamento em novo leilão, que será realizado a critério do IBC, ou de esperar a reabertura dos registros.

O valor de aquisição do DRDV corresponderá aos cafés do Grupo I (tipo seis para melhor, bebida isenta de gosto Rio-Zona). Para registro de cafés do Grupo II (tipo sete para melhor, bebida Rio-Zona) e **Robusta Conillon**, o valor do DRDV sofrerá ajustamento proporcional à relação entre o preço mínimo de registro do Grupo I e os preços mínimos de registro dos cafés mencionados.

A **Resolução nº 46**, de 25/05/88, do IBC, permite que, nas Declarações de Venda registradas (exceto aquelas correspondentes à Quota Leilão regulada pela **Resolução nº 45/88**) com embarque programado para os meses de julho, agosto e setembro, seja feita alteração de espécies de café, de **Robusta Conillon** para **Arábica** e de cafés do Grupo II para cafés do Grupo I.

A **Resolução nº 47**, de 25/05/88, do IBC, estabelece que as Declarações de Venda registradas no IBC e pendentes de embarque em 26/05/88 poderão ser enquadradas nas condições estabelecidas pela **Resolução nº 41/88 (D.O.U.**, de 27/05/88).



## CRÉDITO RURAL

A **Resolução nº 1.488**, de 26/05/88, do **Bacen**, estabeleceu medidas de amparo aos produtores de cana-de-açúcar, fornecedores e usinas/destilarias localizadas na área da **Sudene**, que tenham sido prejudicados pela estiagem na safra 1987/88. Será permitida a prorrogação do vencimento de até 25% do crédito de custeio e respectivos encargos financeiros por até três anos de carência. Quanto ao crédito para investimento, poderá haver repactuação do vencimento das prestações vencidas ou vincendas no corrente ano, para pagamento até um ano após o vencimento final da dívida. Também se recomenda concessão prioritária de financiamento para recuperação de áreas onde não há germinação de soqueiras com as seguintes condições especiais: valor de Cz$ 56 mil/ha, respeitado o teto de Cz$ 5,6 milhões por beneficiário, com prazo de três anos safras com um de carência. Estes financiamentos terão os seguintes limites: 100% para mini e pequenos produtores, 80% para os médios e 60% para os grandes produtores **(D.O.U.**, de 31/05/88).

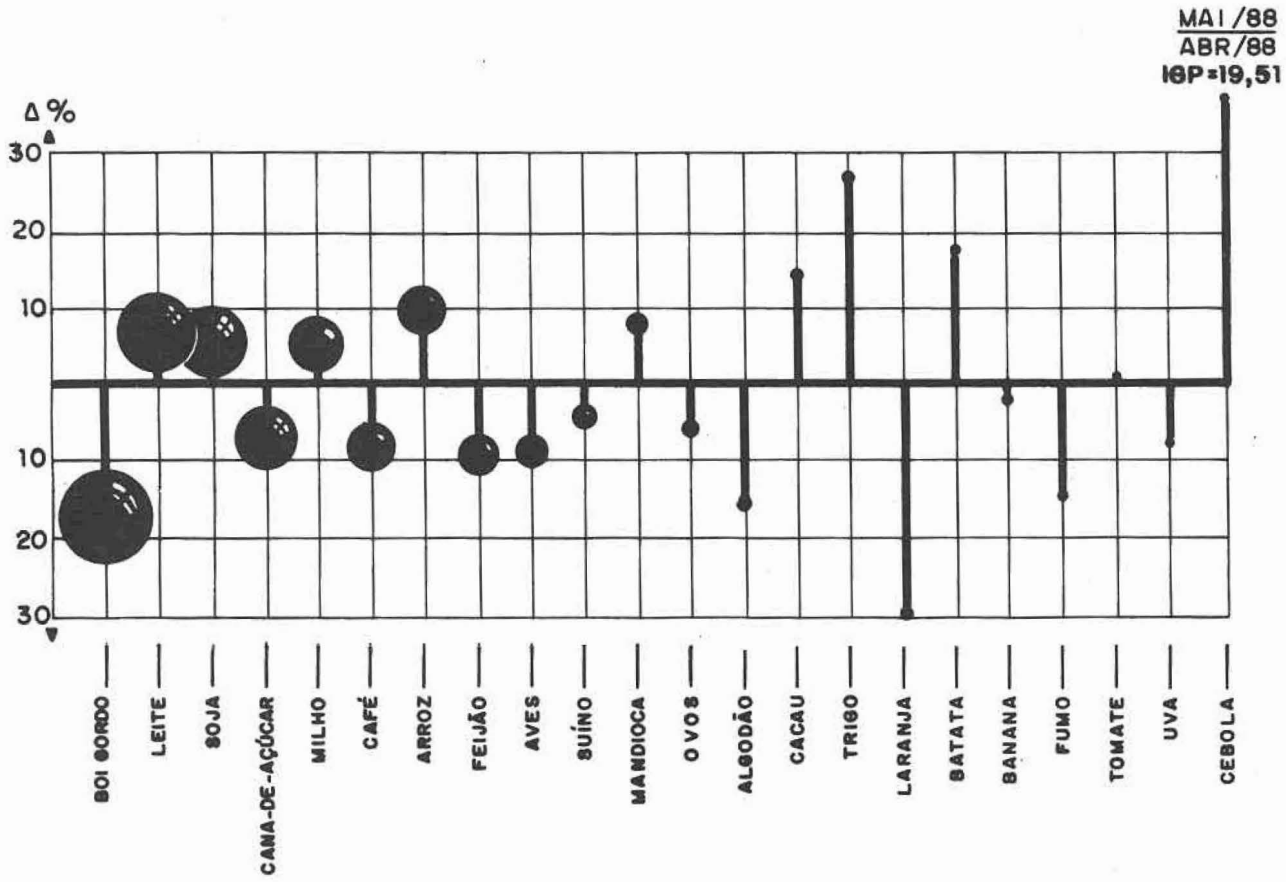
A **Resolução nº 1.489**, de 26/05/88, do **Bacen**, aprova os **VBC** para as culturas permanentes de casulo verde, mandioca, rami, sisal, uvas vinífera e comum, da safra 1988. Os valores são fixados em **OTN (D.O.U.**, de 31/05/88).

A **Resolução nº 1.490**, de 26/05/88, do **Bacen**, estabelece que os **EGF** para a indústria destinados à farinha, fécula e raspas de mandioca, concedidos com recursos do **MCR 18**, estão sujeitos à correção monetária pela variação da **OTN** e juros de 7% a.a. **(D.O.U.**, de 31/05/88).

## TRIGO

A **Portaria nº 35**, de 18/05/88, da **Sunab**, fixa em Cz$ 29.600/t o preço de venda aos moinhos do trigo importado e do trigo e/ou triticale de procedência nacional com **PH 78**. Neste valor, estão incluídas as despesas com **ICM** e demais gastos necessários à entrega. A mesma **Portaria** fixa em Cz$ 2.246,20/50 kg o preço da farinha de trigo comum e em Cz$ 2.873,40/50 kg o da especial **(D.O.U.**, de 23/05/88).

# PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES




No gráfico ao alto, as retas indicam as diferenças entre a variação percentual dos preços recebidos pelos agricultores (mês corrente em relação ao mês anterior) e a variação do **IGP-DI**, permitindo visualizar os ganhos potenciais do Setor Agrícola relativamente à inflação, tal como medida por aquele indicador. Os círculos que encimam as retas representam a participação percentual do valor da produção de cada produto no valor da produção global da agropecuária, em 1980.



# PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês de junho)
1 – Preço médio um ano antes
2 – Preço médio no mês de junho*
3 – Preço médio na última quinzena de junho*
4 – Preço médio na última semana de junho*
5 – Comportamento dos Preços Futuros
6 – Tendência do mercado
7 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos trinta dias

*futuro – primeira entrega

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | FUTUROS/MESES J | A | S | O | N | D | J | F | M | A | M | J | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| AÇÚCAR RAW US ¢/lb-peso | 6,40 | 10,67 | 11,06 | 11,93 | 10,67 | | | 10,53 | | | 10,25 | | 10,28 | | 10,23 | | | A demanda internacional permanece forte e as enchentes em Cuba não permitem transporte do produto. Esperam-se mais compras da URSS. |
| ALGODÃO 1-1/16" US ¢/lb-peso | 74,43 | 67,02 | 67,27 | 66,47 | 67,02 | | | 65,01 | | 63,84 | | | 64,44 | | 64,64 | | | Até há pouco, não se avaliava que os danos da seca no Cotton Belt fossem extensos. Embora ali a situação não seja crítica, as condições da safra se deterioraram, em junho. |
| CACAU BAHIA US$/tonelada | 1.898,00 | 1.545,05 | 1.529,21 | 1.531,86 | 1.545,05 | | 1.564,77 | | | 1.583,91 | | | 1.616,32 | | 1.639,68 | | | Na ausência de modificações na demanda, estoques elevados pressionam o mercado. |
| CAFÉ CONTRATO C NOVA IORQUE US¢/lb-peso | 108,20 | 135,47 | 134,60 | 132,60 | 135,47 | | 136,70 | | | 137,97 | | | 138,21 | | 138,41 | | | Há expectativa de geadas nas áreas produtoras do Sul do Brasil e possibilidade de corte nas quotas globais de exportação. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS – Bolsa de Nova Iorque.

NOTA – Todas as cotações são de primeiro futuro.

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, não se pode garantir. As opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente de ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugere-se contato com os técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões (ver 1ª contracapa).

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | FUTUROS/MESES J | A | S | O | N | D | J | F | M | A | M | J | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| MILHO TWO YELLOW US ¢/bushel | 188,25 | 289,88 | 316,64 | 337,36 | 289,88 | | 298,06 | | | 307,38 | | | 311,22 | | 312,14 | | | As chuvas no **Corn Belt** não reverteram as perdas da estiagem. |
| SOJA - GRÃO ONE YELLOW US ¢/bushel | 558,03 | 937,17 | 982,57 | 1.015,43 | 937,17 | 940,57 | 934,41 | | 928,30 | | 927,17 | | 924,85 | | 909,92 | | | Persiste a influência da forte seca que afeta a região produtora nos **EUA.** |
| SOJA FARELO US$/tonelada | 175,57 | 290,80 | 303,19 | 307,10 | 290,80 | 287,67 | 285,46 | 283,95 | | 282,02 | 279,39 | | 275,53 | | 274,22 | | | O mercado dos farelos proteínicos também é influenciado pelo desfalque na safra norte-americana. |
| TRIGO SOFT RED US ¢/bushel | 265,00 | 376,52 | 381,88 | 379,61 | 376,52 | | 385,73 | | | 395,63 | | | 396,66 | | 383,24 | | | Acelera-se a colheita nos **EUA.** Há possibilidade de aumento da safra de trigo de primavera de **Minneapolis.** Os estoques em 1º/06, nos **EUA,** foram os menores, desde 1982. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS — Bolsa de Chicago.

NOTA — Todas as cotações são de primeiro futuro.

# PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA
1– Preço médio de junho de 1987, corrigido pelo IGP, para junho de 1988
2 – Preço médio no mês de junho
3 – Preço médio na última quinzena de junho
4 – Preço médio na última semana de junho
5 – Tendência do mercado
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ALGODÃO tipo 6–Sul do BR Cz$ /15 kg 1º futuro | 3.924,27 | 3.754,55 | 3.635,71 | 3.600,00 | ↓ | O novo preço mínimo influencia o mercado. Segundo a CFP, registrou-se movimentação de negócios para exportação, fundamentada na expectativa de concessão de subsídios. |
| ARROZ Amarelão - Est. Cen. Cz$ /sc. 60 kg | 3.072,91 | 3.976,14 | 4.176,79 | 4.335,71 | ↑ | Com a liberação das exportações do arroz agulhinha, aguarda-se um **aquecimento** da demanda pelas variedades de sequeiro, uma vez que a diferença entre seus preços deverá ampliar-se. |
| CAFÉ Tipo 6 Cz$ /sc. 60 kg | 15.110,52 | 15.268,18 | 15.717,14 | 15.450,00 | ↓ | Mercado interno deve acompanhar a recuperação dos preços na Bolsa de Nova Iorque. |
| BOI GORDO Cz$ /arroba | 3.391,87 | 2.743,18 | 2.921,43 | 3.000,00 | ↑ | Entressafra propicia elevações nominais dos preços, embora a demanda continue retraída. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS – Algodão e Café: Bolsa de Mercadorias de São Paulo; Arroz, Feijão, Milho e Soja: Bolsa de Cereais de São Paulo: Boi Gordo: Dira-Cati e Frango Vivo: APA-SP.

NOTA – Todos os preços referem-se ao mercado de São Paulo, capital, exceto os do boi gordo, que são de Presidente Prudente, SP. Valores corrigidos pelo IGP – DI.

# PANORAMA AGROPECUÁRIO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, não se pode garantir. As opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente de ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugere-se contatô com os técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões (ver 1ª contracapa).

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|
| FEIJÃO Carioquinha Especial Cz$ /sc. 60 kg | 7.747,68 | 4.420,45 | 4.514,29 | 4.550,00 | ↓ | Há uma concentração momentânea de oferta devido à simultaneidade entre a safra nordestina e a das lavouras irrigadas de São Paulo. |
| FRANGO Vivo Cz$ /kg | 93,94 | 83,12 | 95,77 | 98,21 | ↓ | O mercado se encontra sob influência da entressafra da carne bovina. |
| MILHO Amarelo Semiduro Cz$ /60 kg | 893,77 | 1.219,55 | 1.230,00 | 1.255,00 | ↓ | Além da entressafra, repercute a alta dos preços nos EUA. |
| SOJA - GRÃO Industrial Cz$ /60 kg | 2.079,55 | 3.052,27 | 3.205,00 | 3.610,71 | ↓ | A indústria ainda considera lenta a comercialização, já que os produtores continuam esperando novas altas dos preços. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS – Algodão e Café: Bolsa de Mercadorias de São Paulo; Arroz, Feijão, Milho e Soja: Bolsa de Cereais de São Paulo; Boi Gordo: Dira-Cati e Frango Vivo: APA-SP.

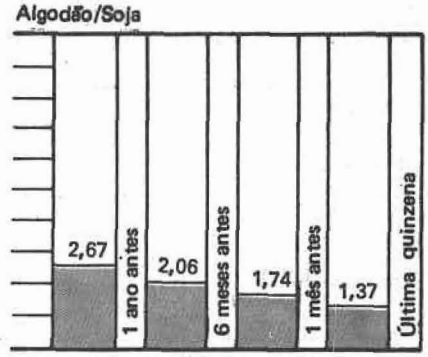
NOTA – Todos os preços referem-se ao mercado de São Paulo, capital, exceto os do boi gordo, que são de Presidente Prudente, SP. Valores corrigidos pelo IGP-DI.

# PREÇOS RELATIVOS - MERCADO EXTERNO

**Os preços relativos referem-se ao quociente resultante da divisão dos preços absolutos de cada produto, obtidos nas fontes citadas abaixo. Os preços relativos algodão/soja e algodão/milho têm seu quociente multiplicado por 20 devido à disparidade entre as medidas utilizadas para o algodão (libra-peso) e para a soja e o milho (bushel).**

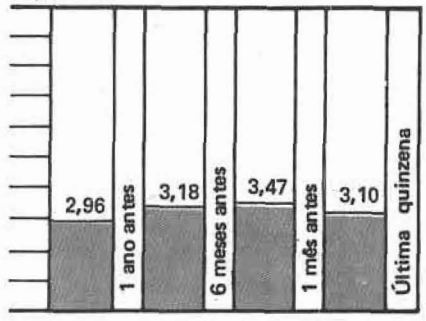
A estiagem que atingiu a safra de soja norte-americana impulsionou os preços do grão, na última quinzena, a patamar 5% superior ao da média do mês. Como, no período, a cotação do algodão praticamente não se alterou, caiu bruscamente o preço relativo algodão/soja da quinzena, frente ao anterior. Há um ano, a valorização da fibra era muito mais acentuada.

Algodão/Soja



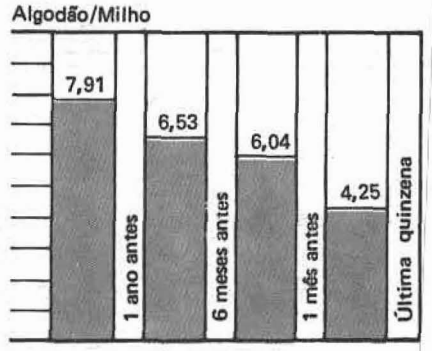

Assim como a soja, o milho cultivado nos **EUA** foi afetado pela seca registrada no **Corn Belt.** Seu preço na quinzena avançou 9% frente à média do mês, o que, contraposto ao mencionado ganho na cotação da oleaginosa, originou o preço relativo soja/milho da última quinzena.

Soja/Milho



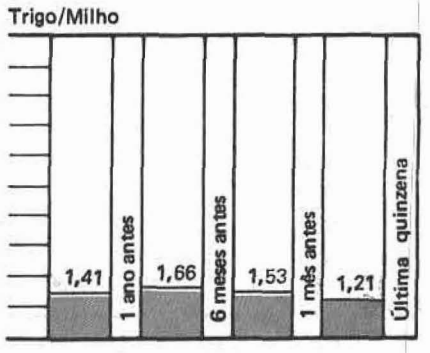

Como as condições meteorológicas no chamado **Cotton Belt** não são tão críticas como no **Corn Belt** norte-americano, o preço recente do algodão não registrou mudanças. Desta forma, a acentuada queda do preço relativo algodão/milho da última quinzena deveu-se exclusivamente ao movimento registrado no mercado do grão, cujo preço encontra-se muito menos distanciado do preço da fibra do que um ano antes.

Algodão/Milho




A aceleração da colheita de trigo nos **EUA** tem compensado a influência altista da estiagem que atingiu algumas áreas produtoras daquele país. Desta forma, a cotação deste cereal, na quinzena, foi praticamente igual à da média do mês, ficando a alteração do último preço relativo trigo/milho por conta da modificação havida na cotação do milho.

Trigo/Milho

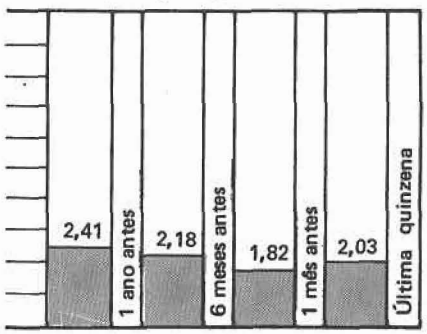



FONTE DOS DADOS BRUTOS — Algodão: Cotton World Statistics; Soja, Milho e Trigo: Commodity Year Book.

# PREÇOS RELATIVOS - MERCADO INTERNO

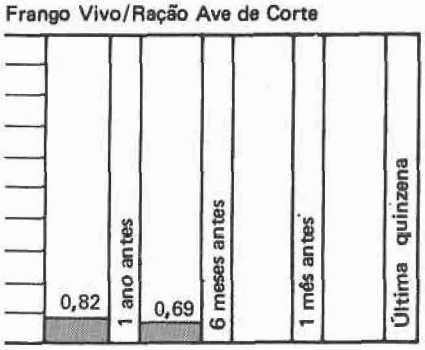
Na última quinzena, aumentou o preço relativo boi gordo/frango vivo frente ao de um mês antes. No período, ocorreu avanço de 46% no preço da arroba do boi gordo, por força da entressafra de carne bovina, enquanto a cotação da ave viva aumentava 31%. Observe-se que, um ano antes, era maior a valorização relativa da carne vermelha.

Boi Gordo/Frango Vivo



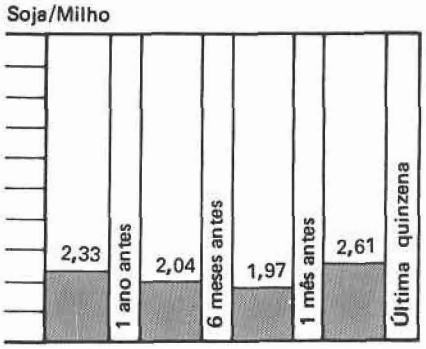

A falta de dados referentes à média quinzenal do preço da ração para ave de corte, compilado pelo **Instituto de Economia Agrícola** de São Paulo, impediu o cálculo do preço relativo da última quinzena.

Frango Vivo/Ração Ave de Corte



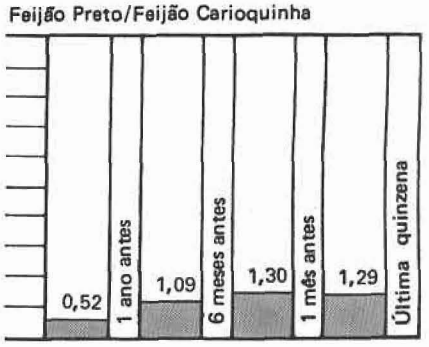

Os aumentos registrados pela soja na **Bolsa de Chicago**, em razão da quebra da safra norte-americana **empurraram** na última quinzena, o seu preço na **Bolsa de Cereais de São Paulo** para nível 61% maior do que a média de um mês antes. Como no período, a cotação do milho avançou 21%, o mais recente preço relativo soja/milho foi superior ao precedente, chegando até a ultrapassar o indicado de um ano antes.

Soja/Milho



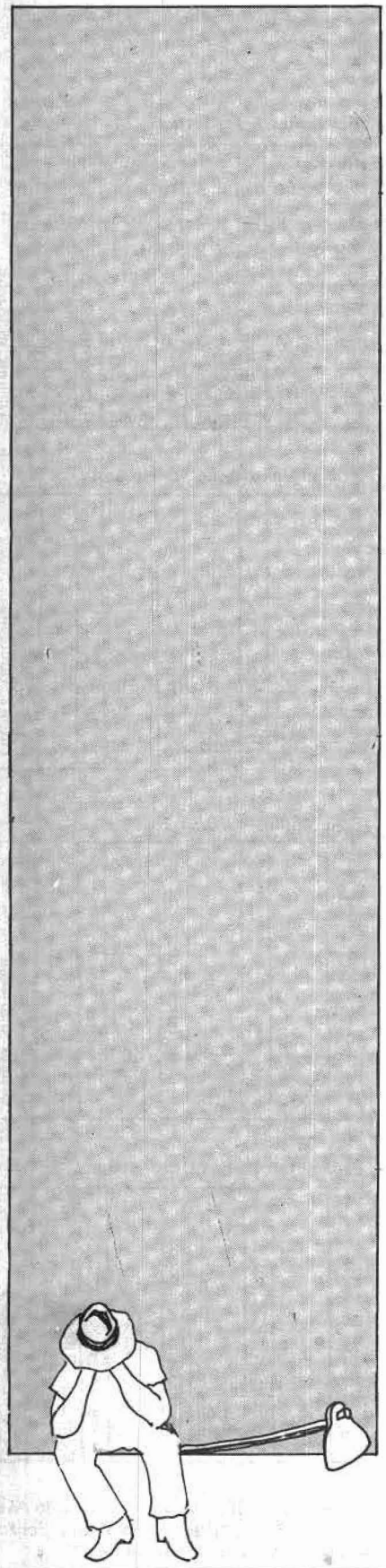

A estabilização do preço relativo em relação ao mês anterior decorre do pleno equilíbrio entre a oferta e a demanda no mercado de **feijão-de-cores**, associado à manutenção da **alta** no mercado de **feijão-preto** (os preços estão elevados mas há uma limitação a variações acentuadas, decorrente do recuo na demanda). Os patamares dos preços relativos este ano deverão estimular o consumo de **feijão-de-cores**.

Feijão Preto/Feijão Carioquinha




FONTE DOS DADOS BRUTOS – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP; Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA; Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

# COMPORTAMENTO DAS LAVOURAS



*"Do lado esquerdo carrego meus mortos.*
*Por isso caminho um pouco de banda."*

*Carlos Drummond de Andrade*

*Deu no jornal, referindo-se aos óbitos do dia primeiro de julho:* ***Amaro da Costa Monteiro,*** *61, pernambucano, solteiro.*

*Assim se registrou a morte de um servidor público de velho estilo, que dedicou toda a sua vida aos estudos e ao* ***IBGE,*** *pouco lhe importando sacrifícios pessoais ou horários. Foi-se sem glória, sem compensações e, no máximo, a sua repartição pagará, a algum herdeiro, um auxílio funeral. É tudo o que a função pública reserva a quem lhe serve, exatamente igual a quem lhe desserve.*

*Agrônomo pela Escola Nacional de Agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (turma de 1949), concluiu vários outros cursos profissionais, de especialização e aperfeiçoamento, sobretudo nas áreas de estatísticas censitárias e agrícolas. Realizou apreciável número de estudos diversos, com destaque para os de levantamentos e apuração dos Censos. Exerceu as mais altas funções no* ***IBGE.*** *Armazenou e transmitiu a quem lhe indagava, um saber que, na área de seu interesse, beirava a categoria de enciclopédico. Chefiou, a partir de 1979, o Grupo de Coordenação da RAIS. Criou e, após 1973, dirigiu a* ***CEPAGRO – Comissão Especial de Planejamento, Controle e Avaliação das Estatísticas Agropecuárias,*** *responsável pela pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das colheitas das lavouras cujos resultados têm ocupado esta página do* ***Agroanalysis,*** *a cada uma de suas edições.*

*Saudade, Amaro.*

## FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organizaçao racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal 9052 – ZC 02
Tel.: 551-1542
CEP 22250 – Rio de Janeiro – RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

**CONSELHO DIRETOR:**
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Aldo Batista Franco, Ernani do Amaral Peixoto, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Mario Henrique Simonsen e Octávio Gouvêa de Bulhões.
Membros Suplentes: Alfredo Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Casimiro Ribeiro, Luiz Fernando da Silva Pinto, Marcos Pereira Vianna e Oswaldo Antunes Maciel.

**CONSELHO CURADOR:**
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: Theodoro Arthou
Membros: Abgar Renault, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antonio Garcia de Miranda Neto, Antonio Ribeiro França Filho, Associação dos Bancos do Estado de São Paulo, Domingos Marques Grello, Edmundo Penna Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Estado de São Paulo, Geraldo Wilson Nunan, Glycon de Paiva, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Henrique Sergio Gregori, Instituto de Resseguros do Brasil, Mario Abrantes da Silva Pinto, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo Tarso Leal, Rubens D'Almada Horta Pôrto, Salles/Interamericana de Publicidade.

## INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

**COMISSÃO DIRETORA:**
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza e Julian Magalhães Chacel.

**DEPARTAMENTO DE ENSINO:**
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:**
Diretor: Julian M. Chacel
Diretor Adjunto: Angelo Jorge de Souza

Centro de Análise Macroeconômica: Julian M. Chacel (respondendo)
Centro de Estatística de Preços: Marcos Ferreira de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estudos de Consumo: Beatriz Mello Flores de Lima
Centro de Estudos Empresariais: Angelo Jorge de Souza (respondendo)
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira
Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional: Paulo Nogueira Batista Jr.
Centro de Gerência e Economia da Informação: Julian M. Chacel (respondendo)
Conjuntura Econômica: Paulo Rabello de Castro